

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Brasília

RELATÓRIO

P R O J E T O

SOMA DF

- ▶ ***Etapas: Planaltina/2013,***
- ▶ ***Recanto das Emas/2014,***
- ▶ ***São Sebastião/2014.***



RELATÓRIO

P R O J E T O **SOMA DF**

- ▶ ***Etapas: Planaltina/2013,***
- ▶ ***Recanto das Emas/2014,***
- ▶ ***São Sebastião/2014.***

Edição: 1ª Edição

Local: Brasília - DF

Editor: Ministério da Cultura - MinC

Mês/Ano: Setembro 2015

Pesquisa/Coordenação: Luciana Sepúlveda Köptcke

Sistematização dos dados: Ana Júlia Tomasini, Ana Schramm, Camila Paula Lopes Soares, Daniel Jorge Teixeira Cesar, Felipe Medeiros Pereira, Fernando Gomes da Rocha, Fernando Pereira Abreu, Izabela Amaral Caixeta, Nathália Gameiro, Raoni Machado Jardim

Redação e revisão: Daniel Jorge Teixeira Cesar

Supervisão: Daniel Jorge Teixeira Cesar

Realização: Programa Educação Cultura e Saúde - PECS

Projeto Gráfico e diagramação: Carlos Sarina

B823 Brasil. Ministério da Cultura.
Relatório: Projeto Soma DF. Etapas: Planaltina/2013;
Recanto das Emas/2014; São Sebastião/2014. / Coordenação
por Luciana Sepúlveda Köptcke. Brasília: Ministério da
Cultura, Fundação Oswaldo Cruz, 2015.

51 p. : ilustr.

ISBN: 978-85-60618-28-6 - E-Book

ISBN: 978-85-60618-27-9 - Papel

1. Educação. 2. Diversidade Cultural. 3. Promoção da
Saúde. 4. Planos e Programas de Saúde. 5. Saúde Escolar. I.
Köptcke, Luciana Sepúlveda (coord.). II. Título.

CDD - 22.ed. 371.71098174

INDÍCE

Apresentação	4
Sobre o Projeto SOMA.....	6
O Soma por Etapas	8
Etapa de Planaltina.....	8
Etapa do Recanto das Emas	10
Etapa de São Sebastião	10
Oficinas realizadas em todas as Etapas	11
Relatorias da Equipe FIOCRUZ.....	20
Oficina de Investigação Participativa, a ciência do senso comum – Etapa de Planaltina.....	20
Oficina “A Escola que temos, a escola que queremos” – Recanto das Emas	22
Oficina “Uso Responsável das Mídias Sociais” – Recanto das Emas	26
Oficina “Uso Responsável das Mídias Sociais” – São Sebastião.....	28
Oficina sobre Preconceito com os Professores – São Sebastião.....	29
Pesquisa sobre a Percepção da Escola.....	32
Impressões dos Oficineiros e Professores	42
Considerações Finais	47
Anexos	49
Anexo I Roteiro para atividade de pesquisa Investigação Participativa.....	48
Anexo II: Roteiro da Oficina: Uso responsável das mídias sociais	49
Anexo III: Questionário enviado aos Oficineiros e Facilitadores	50
Anexo IV:Roteiro de entrevista com os estudantes na etapa do Recanto das Emas.....	50
Anexo V: Roteiro de Entrevista com estudantes da etapa de São Sebastião	51

Apresentação

O relatório a seguir descreve as ações realizadas pelo Projeto SOMA em suas três primeiras etapas e detalha as atividades da equipe do Programa de Educação Cultura e Saúde da Fiocruz/DF, que atuou como parceira na elaboração e realização de oficinas e na sistematização do processo de implementação do projeto na forma de relatoria dos eventos realizados nas escolas selecionadas do Distrito Federal.

O Projeto SOMA foi idealizado pela teatróloga e produtora cultural Tuka Villalobos em 2008 e, nos anos de 2013 e 2014, foi realizado em quatro escolas selecionadas no Distrito Federal com apoio do Fundo de Apoio à Cultura – FAC, da Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal. Em outubro de 2013, após um primeiro contato realizado pela produção do Projeto e após reuniões para conhecimento da proposta e da equipe, o Programa de Educação, Cultura e Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz foi convidado a participar e apoiar o Projeto SOMA, sugerindo que propusesse uma forma de participação logo para a 1ª etapa que iria realizar. Devido ao curto prazo para elaboração de atividades que atendessem à especificidade da escola foi proposta a realização de uma relatoria qualitativa participativa e registro fotográfico das atividades trazendo elementos para sua

avaliação e colaborando para construção de conhecimento sobre a adesão e os efeitos de atividades culturais propostas por parceiros externos nas escolas públicas. Nas etapas seguintes, devido ao sucesso da parceria, houve convite para realização de outras oficinas educativas integradas às ações previamente programadas.

A FIOCRUZ, no âmbito das ações de promoção da saúde, desenvolve parcerias com os setores da educação e da cultura, dentre outros. São muitos os projetos que a Fundação desenvolve com o foco da promoção da saúde em articulação com a cultura e a educação. Na Fiocruz Brasília, o Programa de Educação Cultura e Saúde - PECS, em parceria com os Ministérios da Educação e da Cultura, elabora e implementa projetos com foco no empoderamento de jovens para atuar nas condições de saúde de sua comunidade e na mobilização de atores da cultura e da saúde para agir de forma articulada em prol da qualidade de vida nos territórios.

Dessa forma, as ações desenvolvidas pelo PECS através de seus projetos, se alinham às ações e objetivos do projeto SOMA, tanto pela temática, público alvo e estratégias de intervenção, como pela perspectiva de construir dialogicamente novas tecnologias sociais, a partir do fortalecimento da

articulação intersetorial para promoção da saúde e da cidadania, garantindo uma cultura de paz e o direito à diversidade cultural.

O Projeto SOMA procura combater o bullying, as agressões físicas e verbais provocadas pelo desrespeito e preconceito, relacionados principalmente a gênero e raça, entre jovens no ambiente escolar, e assim estimular a união entre os estudantes e seu protagonismo frente à comunidade em uma cultura de paz. Os meios para atingir este objetivo são oficinas educativas (palestras, debates, aulas) e artísticas (teatro, música, artes plásticas) voltadas para os estudantes e apresentações culturais realizadas nas escolas selecionadas pelo Projeto. As oficinas são realizadas durante os dois primeiros dias de aplicação do projeto. No terceiro ocorre o Dia D SOMA, um dia de apresentações de música e dança voltadas para a comunidade escolar e aberto a todos os públicos, contando com a presença de familiares, professores e funcionários.

As escolas participantes são selecionadas a partir dos dados sobre violência no DF e a partir de demandas da Secretaria de Educação e, em alguns casos, da própria escola que

solicita participar do projeto. A partir destas informações e dos primeiros contatos com a escola para convidar a participar do Projeto, as atividades são estruturadas de acordo com as necessidades colocadas pela coordenação e direção por meio de reuniões prévias entre as equipes.

O Projeto SOMA e sua equipe tornaram-se importantes parceiros no território do DF para os projetos do PECS, compartilhando seu capital social e suas experiências, formando assim uma rede de projetos e atores comprometidas com a educação, a cultura e a saúde no DF. Assim ambos vêm se beneficiando em diferentes ações locais. Ressalta-se o aprendizado que o Projeto SOMA proporcionou aos membros da equipe do PECS, na realização das oficinas e troca de experiência com outrosicineiros, e ainda, o fato do Projeto SOMA oferecer sua experiência como campo para observação e aprendizagem sobre processos educativos com foco na promoção da saúde no espaço escolar, em parceria com atores do setor cultural.

Sobre o Projeto SOMA

O Projeto SOMA procura, por meio de oficinas e palestras voltadas para os alunos da escola e professores, promover uma cultura de respeito sobre a diversidade e reduzir o bullying gerado a partir de preconceitos, principalmente sobre gênero e etnia. A partir deste ponto inicial, focaliza questões específicas locais de acordo com as necessidades colocadas previamente pela comunidade escolar.

Nos anos de 2013 e 2014, o projeto foi realizado em quatro escolas do Distrito Federal, selecionadas a partir de um mapeamento e de dados referentes à violência e situações de risco nas escolas da rede pública. A primeira escolhida foi o CED 01 de Planaltina, selecionada a partir do mapeamento dos índices de violência registrados em escolas do DF. Segundo dados de pesquisa, esta é a escola com maior número de mortes de jovens negros no Distrito Federal. A primeira etapa do SOMA ocorreu em 24, 25 e 26 de outubro de 2013.

A segunda etapa ocorreu nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2014 e a escola selecionada para participar do projeto foi o CED 104 do Recanto das Emas, onde foram detectados índices alarmantes de violência contra a mulher, assaltos e consumo de drogas na região da escola. Os números oficiais registrados pelo Governo do Distrito Federal indicam que há uma média de um estupro por dia na região e, para colaborar com a prevenção, o Projeto SOMA realizou ações de intervenção escolar visando colaborar com a reversão do quadro instalado.

Após as etapas de Planaltina e Recanto das Emas, a escola escolhida para a terceira etapa, que ocorreu nos dias 03 e 05 de setembro, foi o CEM 1 de São Sebastião, onde nos foi relatado um problema de preconceito dos professores para com os alunos em casos de homofobia e racismo, além de índices de violência relacionados a assaltos e consumo de drogas na região da escola.

A quarta etapa foi realizada no CEF 30 de Ceilândia nos dias 26, 27 e 28 de novembro a pedido da direção da escola após tomar conhecimento sobre o projeto. Racismo, tráfico de drogas, abuso sexual e problemas familiares foram os problemas relatados pela equipe escolar para justificar a intervenção do SOMA. A equipe da Fundação Oswaldo Cruz acompanhou as três primeiras etapas e participou desenvolvendo oficinas e na relatoria das atividades do Projeto SOMA. Juntamente à Fiocruz são parceiros do SOMA a Secretaria da Mulher, a Secretaria de Educação e a Secretaria de Saúde do GDF.

A Participação da Fiocruz

O Programa de Educação Cultura e Saúde identificou, logo na primeira reunião com os proponentes do Projeto SOMA, manifestou interesse em colaborar com o projeto oferecendo suporte para a sistematização das atividades, de forma a construir conhecimento referente às intervenções culturais com objetivo de promover a saúde junto aos jovens e professores nas escolas do DF, bem como compartilhar e ampliar levantamento sobre metodologias educativas.

Nas etapas acompanhadas pela FIOCRUZ, a equipe se reuniu previamente para decidir, a partir das demandas colocadas pelo Projeto SOMA, quais seriam as oficinas aplicadas e o método de pesquisa que seria utilizado para conhecer a realidade escolar. Nesta fase de preparação um questionário aberto era formalizado e acordado que entrevistaríamos os alunos participantes.

O contexto da comunidade escolar em cada uma das três etapas bem como a descrição das oficinas ofertadas em cada uma pelos parceiros mobilizados pelo Projeto SOMA além da atuação da equipe do PECS serão apresentados a seguir.

Após esta apresentação global do projeto, seguem as relatorias das oficinas realizadas pela equipe do PECS-Fiocruz a cada etapa.

O Soma por Etapas

Etapa de Planaltina

A Escola era estigmatizada na comunidade pelo preconceito contra homossexuais e foi relatado que havia problema com alunos de outras escolas próximas que marcavam brigas do lado de fora do “Centrão”.

Tuka fez a abertura do evento, falando sobre a contribuição e importância das parcerias ali presentes para realização da atividade na escola. Estiveram presentes na mesa de abertura membros do PECS da FIOCRUZ, da Secretaria de Educação, representada pela Coordenação de Educação em Diversidade – CEDIV com os núcleos de Gênero e Sexualidade e de diversidade e também a Subsecretaria de Educação Básica – SUBEB; o administrador regional de Planaltina, o Deputado Distrital Cláudio Abrantes e Sr. Jader Campos, diretor do CED 01.

Cada parceiro relatou a importância da temática a ser desenvolvida nos dois dias do projeto, a saber, a questão da violência nas escolas, enfrentamento do bullying e promoção da cultura da paz. O programa Jovem Candango foi mencionado pelo deputado Cláudio Abrantes como importante iniciativa conquistada por decreto distrital em 2013. Este projeto busca levar os jovens estudantes de baixa renda para o mercado de trabalho, com carteira assinada e jornada de trabalho reduzida. A iniciativa tem por objetivo combater a criminalidade, mantendo os jovens nas escolas. Foi relatado também que a Escola CED 01 sofre grande estigma dentro a comunidade, assim sendo imprescindível a busca por referências positivas no enfrentamento da violência.



Após encerramento da mesa de abertura, os jovens foram encaminhados para as atividades e oficinas divididas nas salas de aula da escola. Nesta etapa, além da sistematização e relatoria das atividades, a FIOCRUZ, representada pelo Programa de Educação, Cultura e Saúde contribuiu com a oficina “Investigação participativa” sobre pesquisa para os estudantes e na relatoria qualitativa do evento.



Etapa do Recanto das Emas

O CED 104 se localiza em uma região de vulnerabilidade social do DF e possui 1.300 estudantes, com turmas de ensino fundamental no período matutino e de ensino médio no turno vespertino. Conta também com educação em tempo integral, atividades como futebol, artes marciais e danças. Existem ainda mais dois anexos ligados à escola que funcionam como instituições de encarceramento de jovens infratores. A escola é toda cercada por muros altos e bastante colorida com grafites e intervenções de projetos e programas que já estiveram ali. Os avanços e melhorias na escola são frequentemente relacionados ao trabalho do diretor da escola.



A FIOCRUZ atuou diretamente na aplicação de duas oficinas em ambos os dias de atividades: “A escola que temos e a escola que queremos ter”, retirada do fascículo Adolescências, Juventudes e Participação do Guia para Educação entre Pares do Ministério da Saúde; e “Uso Responsável de Mídias Sociais”, elaborado pela Fiocruz a pedido do Projeto SOMA para tratar da comunicação via celulares e smartphones entre alunos na escola, algo colocado como um problema pelos professores. Além das oficinas a equipe do PECS coletou entrevistas com um total de 60 alunos e elaborou questionários para serem respondidos pelosicineiros com objetivo de conhecer a percepção e as perspectivas de diferentes atores sobre o projeto.

A etapa de Recanto das Emas é marcada também pela entrada e consolidação de novos parceiros, como o psicólogo Alexandre Staerke, parte importante do projeto com seu trabalho de assistência oferecido aos alunos, professores e funcionários das escolas.

Etapa de São Sebastião



A FIOCRUZ atuou diretamente na aplicação de quatro oficinas nos dois primeiros dias de atividades: “A escola que temos e a escola que queremos ter”, retirada da Oficina 2 do fascículo Adolescências, Juventudes e Participação do Guia para Educação entre Pares do Ministério da Saúde; “Uso Responsável de Mídias Sociais”, elaborada a pedido do Projeto SOMA para tratar da comunicação via celulares e smartphones entre alunos na escola; “Aula da Inquietação” e “Oficina sobre Preconceito para os professores”. Além das oficinas a equipe do PECS coletou entrevistas com um total de 32 alunos e elaborou questionários para serem respondidos pelosicineiros com objetivo de estabelecer as perspectivas de diferentes atores sobre o projeto.

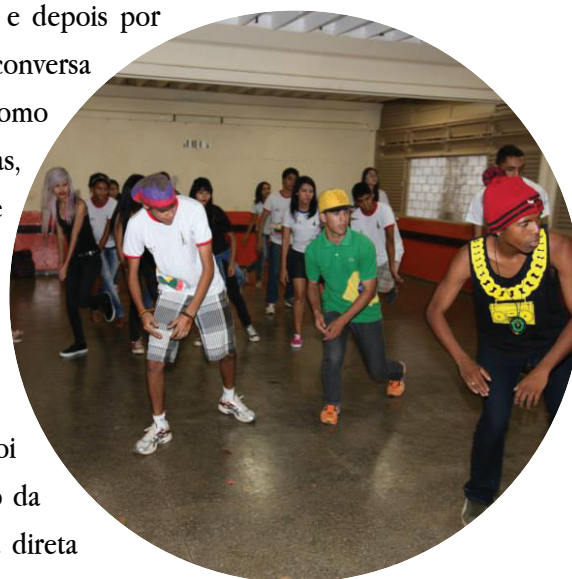
Lista de todas as oficinas Realizadas pelo Projeto SOMA

Aqui serão listadas todas as oficinas e palestras oferecidas pelo Projeto SOMA nas três etapas acompanhadas pela FIOCRUZ. Na descrição das atividades constam os turnos em que foram realizadas e, se necessário, especificação do dia em que ocorreram. Acompanha ainda um breve resumo do que foi feito em cada atividade.

- **Oficina de Social Dance (Todas as etapas, manhã e tarde)**

Coordenada pelo B. Boy Sapo do grupo de dança Cyphers Clan, nesta oficina o facilitador fez dinâmicas de dança com os alunos e depois por própria demanda dos alunos houve uma roda de conversa sobre temas do dia-a-dia e que se vive na escola como discriminação, transtornos familiares, drogas, sexualidade. As oficinas foram realizadas em salas de aula preparadas e a lotação máxima foi de quarenta alunos por oficina. A quantidade máxima de alunos por oficina variou de 40, nas etapas de Planaltina e Recanto das Emas, e 60 na Etapa de São Sebastião.

Após a etapa de Planaltina, esta oficina foi fixada no CEM 01, segundo informação da direção da escola, para representar o projeto soma de forma direta e o responsável, recebe uma ajuda de custo da escola que convidou para se efetivar.



- **Oficina de dança HIP HOP (Todas as etapas, manhã e tarde)**

A DF Zulu Breakers é um grupo de dança que faz trabalho social voluntário em escolas e orfanatos. Com apoio doicineiro (Coordenador responsável pelo grupo) B. Boy Mighaz, ensinou aos alunos passos básicos do Hip Hop, promovendo rodas de danças com interação de participação dos alunos. Foram as maiores oficinas nas quatro etapas do projeto, realizadas nos ginásios e quadras das escolas e com capacidade para 150 a 200 alunos por turno em cada etapa. O oficina contou cinco membros da Df Zulu, que também se dividiram para conversar com os alunos sobre temas importantes como respeito ao próximo e violência segundo suas próprias experiências de vida e sucesso através da dança.



- **Oficina de Abaiomy (Todas as etapas, manhã e tarde).**

Indicada para todos os alunos, a oficina mediada pela professora Adriana Tosta, gerente do Núcleo de Diversidade da Secretaria de Educação do GDF, ensina por meio do artesanato uma tradição forte dos escravos africanos. Conta a lenda que nos navios negreiros as mães eram separadas de suas crianças e, para amenizar o sofrimento, rasgavam pedaços de suas vestes e faziam bonecas que eram entregues pelas outras escravas a seus filhos como forma de mostrar que estavam vivas e que as crianças seriam lembradas apesar da separação. Foi ensinado aos alunos a construir bonecas de pano para ser fixado nas geladeiras com imã, despertando a criatividade dos alunos e incentivando a criarem seus próprios bonecos.

A mensagem de Abayomi mesmo que tenha vindo de fatos tristes e desumanos, resgata o significado do encontro e da união na adversidade através desta oficina valoriza a positividade, a resiliência e resgata as raízes afrobrasileiras.

Esta oficina recebeu uma maioria de meninas em todos os turnos. O número de participantes máximo variou entre 30 e 50 de acordo com a escola aplicada.



- **Oficina de teatro (Todas as etapas, manhã e tarde)**

Promovida por Tuka Villa-Lobos, utilizou técnicas que combinam teatro e psicanálise, momentos de catarse a partir de técnicas teatrais para explorar o comportamento humano e o reconhecimento do comportamento do outro, a fim de proporcionar a aceitação das diferenças. Os estudantes realizaram cenas do cotidiano escolar, com foco nos professores, pais e outros estudantes, para encenar a ausência ou opressão sofrida e como refletem neles. Estes exercícios a partir de “disparadores temáticos” tem como base a interpretação através da improvisação e visa proporcionar o reconhecimento de si e do outro, a fim de proporcionar a aceitação das diferenças.



Os disparadores temáticos são as figuras icônicas: pais, professores, adultos etc. Nas respostas a estes disparadores temáticos foi abordada em uma das turmas a ausência dos professores, outro assunto abordado foi o despreparo do professor em lidar com assuntos como homossexualidade por exemplo. Mas o tema mais presente em todas as oficinas foi a violência e não aceitação do próximo, tanto com os pais em casa como na escola.

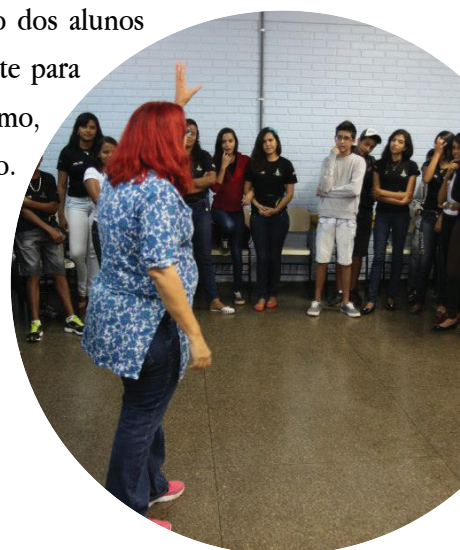
Todas as turmas da oficina de teatro atingiram a lotação máxima, que variou entre 40 e 50 estudantes por turno nas três etapas acompanhadas.

- **Oficina Artes Plásticas (Todas as etapas, manhã e tarde)**

A Artista Plástica Sayuri Kudo, que também trabalha junto a Universidade de Brasília em programas sociais para crianças de baixa renda, proporcionou aos alunos uma oficina onde havia espaço livre para exercitar a criatividade e a expressão dos alunos por meio de desenho e pintura, individual ou coletivamente para

formar um painel abordando temas como racismo, homossexualismo, bullying e preconceito.

Também foram confeccionadas faixas, painéis e máscaras utilizadas no último dia de cada etapa para decorar o festival. O número máximo de alunos previsto foi de 40 por oficina em cada etapa.



- **Oficina de Música e Canto Coral (Todas as etapas, manhã e tarde)**

Coordenada pelo produtor musical e arranjador Felipe Barão e assistida pelo músico e cantor lírico em formação, Glauber Jacques Medeiros, a oficina de música ofereceu um domínio básico de canto coral aos alunos, preparando uma apresentação para o último dia de atividades do projeto. Os estudantes aprenderam a cantar em conjunto e com tom adequado, estimulando o trabalho em equipe e sincronização durante cada música, cumprindo a proposta de ter num mesmo espaço, numa mesma ação, pessoas de tribos diferentes que nunca se juntariam para interagir e cooperar. O número máximo de participantes variou entre 40 e 50 por etapa em cada oficina.

Foi uma das oficinas que teve continuidade em São Sebastião, onde foi montado um festival de música com participação de toda a comunidade escolar, em que os professores eram convidados a cantar junto aos alunos.



- **Cineminha SOMA - Exibição de filmes para entretenimento ou com temas ligados ao preconceito (Todas as etapas, manhã e tarde)**

Os filmes exibidos na etapa de Planaltina foram “Mãos Talentosas”, “Billy Elliott” e “Bullying: Provocações sem Limites”. Os filmes contêm mensagens de afirmação e superação de adversidades impostas por preconceitos ligados a gênero e raça. Após os filmes foi realizada uma roda de conversa aberta para falar sobre os filmes, mas a maioria dos alunos não teve interesse em participar da discussão. A atividade foi programada para atender 100 alunos.

Na etapa do Recanto das Emas houve sessões de “Barry e a banda das minhocas” e “O circo aborígene”. Este último contou com a presença de Marcão Aborígene, rapper de Brasília que coordena o Cine Clube Câmbio Negro, que promoveu um debate sobre o filme. A sala de aula utilizada para a exibição dos filmes tinha capacidade para 120 alunos.

Em São Sebastião o filme escolhido foi “Afrobrasilienses”, com debate promovido por Swai e William da Secretaria de Educação do GDF e Marcão Aborígene. A quantidade máxima de participantes prevista foi de 120 estudantes.

- **Oficina de Investigação Participativa, a ciência do senso comum (Etapa Planaltina, primeiro dia de atividades, turno da manhã)**

Elaborada pela equipe da FIOCRUZ e coordenada por Izabela e Fernando Abreu, os alunos participaram de um exercício de construção de uma “pesquisa de opinião e percepção sobre a escola e o projeto, realizada internamente durante o primeiro dia de atividades junto aos participantes.

Mais detalhes desta atividade podem ser encontradas na relatoria detalhada das atividades da FIOCRUZ. A oficina foi programada para 25 alunos, e um total de 40 participou da atividade.



- **Oficina Educação em Gêneros e Sexualidade (Etapa Planaltina, manhã e tarde)**



Promovida pela professora Dhara Rodrigues do Núcleo de Gênero e Sexualidade da Secretaria de Educação do GDF, a oficina realizou uma roda de conversa sobre sexualidade abordando temas como igualdade de gênero, direitos e deveres, curiosidades históricas, estigmas entre outros, onde havia a participação de alunos e professores. Com um total de sessenta participantes, foram levantadas questões como papéis sociais e a definição deles a partir de padrões de comportamento e culturais, diversidade, direitos e deveres com os alunos sobre sexualidade. Os temas abordados abrangiam a igualdade de gêneros e os estigmas sociais que causam o bullying.

Os participantes se mostraram muito interessados, pois as questões apresentadas faziam parte do cotidiano e foram reforçadas a partir de exemplos e das contribuições dos próprios estudantes. Também foram feitos exercícios de dinâmica em grupo como, por exemplo, o renascimento com sacos de TNT representando úteros.

- **Palestra Mediação social: enfrentamento de violências no contexto escolar (Etapa de Recanto das Emas, primeiro dia de atividades, turno da manhã)**

Atividade exclusiva para professores e promovida por Francisco Celso da Secretaria de Educação do GDF. Nesta oficina os professores eram colocados como atores sociais na mediação de problemas no ambiente escolar, e recebiam propostas para solucionar casos de bullying e violência. Cerca de 40 professores participaram da atividade.

- **Palestra: Educação em Gênero e Sexualidade (Etapa de Recanto das Emas, segundo dia de atividades, manhã e tarde)**

Atividade com a temática de educação em gênero e sexualidade foi indicada para alunos mais velhos ou turmas em que foram registrados casos de preconceitos com gênero e sexualidade. Foi promovido um bate-papo com os alunos sobre sexualidade abordando temas como igualdade de gênero, direitos e deveres, curiosidades históricas, estigmas entre outros, onde havia a participação de alunos e professores. Coordenada por Dhara Rodrigues do Núcleo de Gênero e Sexualidade da Secretaria de Educação. Atividade programada para até 40 participantes.

- **Palestra Educação para a diversidade (Etapa de Recanto das Emas, primeiro dia de atividades, turno da tarde)**

Atividade voltada para professores com a temática de educação em gênero e sexualidade e indicada para alunos mais velhos ou turmas em que foram registrados casos de preconceitos com gênero e sexualidade. Foi promovido um bate-papo sobre sexualidade abordando temas como igualdade de gênero, direitos e deveres, curiosidades históricas, estigmas entre outros, onde havia a participação de alunos e professores. A oficina foi coordenada por Ana Marques, então Coordenadora do Núcleo de Diversidade da Secretaria de Educação do GDF. Quarenta professores participaram da palestra.



- **Oficina “O Uso Responsável de Mídias Sociais” (Etapas de Recanto das Emas e São Sebastião, manhã e tarde)**

Idealizada e promovida pela Equipe da FIOCRUZ por demanda da Etapa do Recanto das Emas, esta oficina foi integrada ao Projeto SOMA para discutir com os alunos o que são e como eles utilizam as redes sociais, e através do diálogo mostrar que diferentes usos são possíveis para melhorar a qualidade de vida na comunidade escolar. Esta oficina foi realizada nas etapas de Recanto das Emas e São Sebastião.



- **Oficina “A escola que temos, a escola que queremos” (Etapas de Recanto das Emas e São Sebastião)**

Esta atividade, também coordenada pela FIOCRUZ, convida os alunos a pensar sobre seu papel na transformação da realidade escolar, apontando sobre os problemas da escola e como podem contribuir para que seja um lugar melhor. Esta oficina foi realizada nas etapas de Recanto das Emas e São Sebastião.



- **Jogo da Mulher (Etapas de Recanto das Emas, primeiro dia de atividades, turno da manhã; e São Sebastião, segundo dia de atividades, turno da tarde)**

O Jogo da Mulher foi uma atividade exclusiva para meninas onde, por meio de um baralho de cartas jogado em grupo, se aprende a posição da mulher na sociedade e sua importância. Jogo bastante conhecido no ambiente escolar, pois é distribuído nas escolas pela própria secretaria e tem o objetivo de através de um jogo de cartas promover o conhecimento de direitos e situações enfrentadas pelas mulheres na sociedade brasileira. O jogo foi elaborado pela Secretaria da Mulher do GDF e apresentado por Juliana Estrela da Secretaria da Mulher do GDF. No Recanto das Emas a atividade foi programada para 30 estudantes, enquanto em São Sebastião a capacidade máxima foi de 50 participantes.

- **Educação para as relações Étnicos/raciais (Etapa de São Sebastião, primeiro dia de atividades, turno da manhã)**

Palestra voltada para a equipe docente da escola e coordenada por Francisco Celso e Ana Marques, da Secretaria de Educação do GDF com objetivo de instruir os professores a lidar melhor com seus próprios preconceitos e melhorar a relação interpessoal com os alunos. Atividade programada para 50 professores.

- **Pensando o Preconceito (Etapa de São Sebastião, segundo dia de atividades, turno da manhã)**

Nesta atividade voltada para os professores do CEM 01, foram realizadas dinâmicas com os professores para levantar questões envolvendo preconceito na escola. O objetivo desta oficina foi de levar os professores à reflexão sobre como suas ações influenciam as relações com os alunos e procurar meios para eliminar o problema do preconceito no ambiente escolar. Coordenada por Alexandre Staerke da Secretaria de Saúde e Felipe Medeiros da FIOCRUZ. Um total de 50 professores era esperado na sala da aula onde se realizaria a atividade.

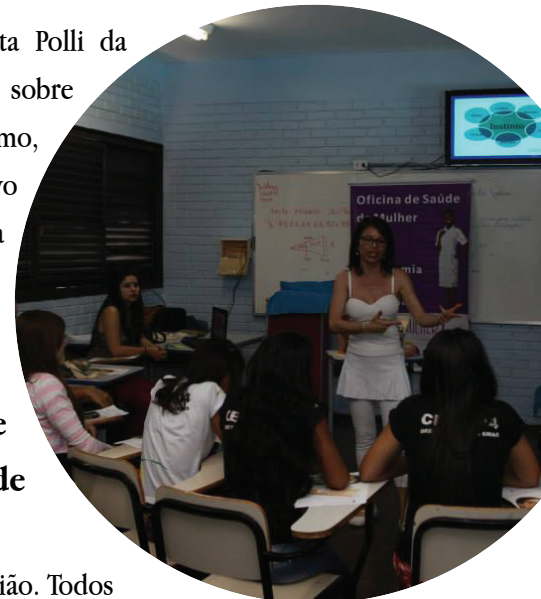


- **Aula da Inquietação (Etapa de São Sebastião, segundo dia de atividades, turno da tarde)**

Atividade coordenada pela equipe da FIOCRUZ, representada por Felipe Medeiros e Ana Julia Tomasini, na etapa de São Sebastião para discutir com os alunos temas atuais de relevância como reforma agrária, acesso à universidade e as eleições de 2014. Cada um dos coordenadores fez uma exposição sobre um dos temas utilizando apresentações multimídia e colocou para discussão aberta com os estudantes. Cerca de 10 alunos compareceram a esta atividade, embora fosse prevista capacidade máxima de 100 alunos.

- **Palestra Saúde da mulher e autoestima (Etapa de São Sebastião, primeiro dia de atividades, turno da tarde)**

Nesta atividade exclusiva para meninas produzida por Rita Polli da Secretaria da Mulher do GDF as alunas aprenderam mais sobre saúde sexual e reprodutiva em um ambiente livre de sexismo, abordando temas como DSTs e gravidez precoce com objetivo de aumentar a autoestima do grupo. Atividade programada para 50 participantes.



- **Aulão da Secretaria de Saúde com Alexandre Staerke (Etapa de São Sebastião, primeiro dia de atividades, manhã e tarde)**

Esta atividade foi a abertura do Projeto em São Sebastião. Todos os alunos participantes se dirigiram ao ginásio da escola para relaxamento, dinâmica coletiva de dança e automassagem promovidas por Alexandre Staerke da Secretaria de Saúde do GDF para iniciar o dia de oficinas.

Relatorias

As oficinas aplicadas pela FIOCRUZ durante as três etapas do SOMA foram sistematizadas pela própria equipe como forma de registro das atividades. Algumas atividades, como a Aula da Inquietação não foram relatadas por falta de pessoal específico para isso. Resgatamos no espaço a seguir as relatorias das ações nas etapas de Planaltina, Recanto das Emas e São Sebastião.

• **Oficina de Investigação Participativa, a ciência do senso comum – Etapa de Planaltina**

Esta atividade de exercício de introdução à pesquisa foi proposta e coordenada pela FIOCRUZ, após a primeira reunião preparatória, considerando a demanda dos organizadores do Projeto de complementar a oficina de jornalismo de Déborah Trevisan no primeiro dia do evento. Foi estruturada da seguinte maneira:

- Apresentação dosicineiros da FIOCRUZ, com explicação sobre o Projeto SOMA e a atividade que seria realizada
- Apresentação dos alunos com divisão em grupos para iniciar o trabalho
- Elaboração de roteiro de perguntas para realização de entrevistas
- Pesquisa de campo onde os alunos entrevistariam os participantes do Projeto
- Retorno para sala de aula para debater os resultados

Embora programado número máximo de 25 alunos, cerca de 40 se apresentaram para a oficina e foram orientados pela equipe para a realização de uma pesquisa com os estudantes durante as atividades do projeto, entrevistando e fotografando os participantes para em seguida entregar um relatório sobre o que os alunos sabiam e como percebiam as atividades propostas pelo SOMA na escola naquele período. Ao final da atividade, porém, não recebemos retorno do material dos alunos.

A proposta era mobilizar os alunos para a construção coletiva de um roteiro de questões e em seguida para o registro, com seus celulares, de expectativas e impressões acerca das diferentes atividades durante o evento, produzindo vídeos, fotos e /ou registro em áudio. As atividades foram orientadas pelos profissionais da Fiocruz. O objetivo foi de colaborar para a reflexão crítica dos organizadores, trazendo a percepção dos participantes sobre a experiência proposta pelo Projeto, de forma a construir conhecimento sobre metodologias inovadoras que visam articular atores intersetoriais para promover cidadania, apoiar uma educação integral, garantir uma cultura de paz e o direito à diversidade cultural. Os alunos entrevistadores e entrevistados também seriam, desta forma, instigados a refletir sobre a escola, sua organização, as temáticas propostas, apoiando uma atitude crítica e participativa.

A oficina foi realizada no primeiro dia de atividades e teve início com uma roda dialogada de apresentação dos membros da FIOCRUZ e dos alunos, onde houve oportunidade para responder perguntas sobre a instituição e explicar seus objetivos. Também foi explicado como

funcionaria a oficina, com a elaboração de um roteiro estruturado de perguntas com o objetivo de compreender o programa a partir da percepção dos alunos. Os alunos participantes foram então divididos em três grupos com questionários para a realização de entrevistas. A oficina se dividiu em três blocos. O Bloco I – Percepção das Ações na Escola; Bloco II – Temáticas abordadas/contexto escolar Sugestões/Proposições de ações e o Bloco III- preparação de perguntas.

No desenvolvimento da Oficina do Grupo 2 (dois) havia aproximadamente 10 (dez) pessoas. Começamos lendo juntos o roteiro e debatendo sobre o acontecido na escola, sobre o projeto Soma - seguindo o Bloco I do roteiro. Os alunos não sabiam ao certo o que era o Projeto e o que estava acontecendo na escola. Sabiam que seriam dois dias de atividades, no qual ganhariam um ponto na média por participação. Levantaram questões sobre o que ocorria na escola e sobre as temáticas desenvolvidas pelo Projeto, como do que se tratava e o que a equipe estava fazendo na escola. Os alunos sugeriram que a escola não os ouve muito, não havendo espaços de diálogo e que as decisões vinham de cima para baixo, eles só são avisados.

No Bloco II, o debate trouxe a informação de que os alunos esperavam que a Oficina de Investigação Participativa, tivesse um caráter profissionalizante na área de comunicação/jornalismo. Sugeriram que a escola poderia ajudá-los com testes vocacionais e capacitações profissionalizantes. Os alunos leram o cronograma, ficaram sabendo de outras atividades que estavam sendo realizadas durante a oficina.. A opinião geral entre os alunos é de que a escola tem que propiciar momentos de diálogos horizontais entre todos os alunos, e que eles não têm uma forma de representação, como um grêmio. E não sabiam quais seriam as atividades desenvolvidas. Sentem falta de motivação na escola.

Os alunos do Bloco III elaboraram 5 (cinco) perguntas que depois iriam se unir às perguntas dos grupos 1(um) e 3 (três), totalizando 15 perguntas (?) dentre as quais escolheriam as 5(cinco) perguntas que seriam levadas a campo, na situação de aplicação da entrevista junto aos alunos que estavam participando do Projeto SOMA na escola no período matutino. Discutimos sobre as perguntas formuladas e explicamos como ocorreria a finalização da dinâmica. Depois que cada grupo expos suas perguntas, foi decidido em 'plenária' quais seriam as perguntas finais, trazendo as questões que tinham afinidade e discutindo o que o grupo considerava como melhor estratégia.

As perguntas foram referentes ao tema: bullying, e sobre as expectativas dos alunos e organizadores acerca do projeto,. Após, a apresentação de todas as perguntas foram escolhidas cinco do total de quinze. Dentre as selecionadas quatro foram utilizadas efetivamente pelos alunos no campo, junto aos demais alunos/participantes/organizadores que estavam na comunidade escolar.

Os jovens divididos em seus respectivos grupos saíram pela escola colhendo informações e dados, registrando em câmeras de celulares e em cadernos as respostas. Depois de 20 minutos, retornaram e fizemos breve avaliação sobre a aplicação das perguntas e fechamos a oficina com as impressões dos alunos sobre o trabalho que feito. Consideraram bacana, acharam que aplicar foi muito positivo, conversamos sobre pesquisa e sistematização de dados e combinamos de trocar o material por endereços virtuais, mas

não ocorreu devido a falta de comunicação com os estudantes e com a escola. Apresentamos abaixo as questões utilizadas na pesquisa e os resultados colhidos em campo:

1 - Já sofreu ou presenciou algum tipo de bullying? Como reagiu?

A maioria das pessoas entrevistadas respondeu que já haviam sofrido bullying na escola. Um dos entrevistados disse que chegou a revidar as agressões. Os outros, simplesmente não reagiram e nem contaram para alguém, por medo e por vergonha.

Nós detectamos ao longo do projeto mais de 40 jovens que tentaram o suicídio ou mutilação entre outras formas de sofrimento para fugir do Bullying, alguns aceitaram dar seus depoimentos para o documentário que é produzido atualmente pela equipe do Projeto SOMA. Ao longo, principalmente, do segundo dia, os jovens foram se abrindo e oprimidos e opressores puderam se mostrar e trabalhar a partir do diálogo, oficinas e práticas.

2 - Os participantes do Projeto SOMA irão levar os temas abordados nas oficinas e palestras para outros âmbitos? Irão discutir e debater sobre os temas com amigos e familiares?

Dos entrevistados, apenas um não iria levar os temas para outros círculos. A maioria acha importante compartilhar os conhecimentos adquiridos com o projeto com outras pessoas.

3 - O que as pessoas que estão realizando as oficinas pretendem transmitir com o projeto? Como a mensagem está sendo recebida pelos alunos?

Os envolvidos na elaboração e realização dos projetos querem que os índices de ocorrência de bullying e violência sejam minimizados, e que haja a conscientização e a propagação da cultura de paz. Os alunos estão empenhados em cada atividade e a mensagem está sendo transmitida de maneira dinâmica e todos esperam que os conhecimentos adquiridos sejam utilizados e repassados.

4 – Caso o projeto não valesse nota, os alunos participariam?

Os entrevistados disseram que não iriam participar do projeto se não valesse nota. Apenas um dos entrevistados disse que iria participar.

Os jovens relataram que gostaram bastante da atividade, ainda que tenha dado trabalho, pois nem todos os estudantes levavam a sério, mas que fora “diferente e estimulante”, segundo eles próprios. Para eles, houve uma quebra de expectativas e que em relação à pergunta do “participaria se não valesse ponto?” Somente uma pessoa entrevistada disse que sim, reafirmando, segundo eles, o que eles já suspeitavam. Ficaram surpresos com quantos jovens haviam sofrido ou praticado bullying. Comentaram que gostariam de mais tempo para a oficina.

Avaliamos que a oficina alcançou parcialmente seus objetivos, visto que não recebemos retorno dos alunos sobre o material colhido em campo. Apesar da não comunicação, acreditamos que o resultado foi satisfatório quanto à organização dos grupos e aplicação da pesquisa.

- **Oficina “A Escola que temos, a escola que queremos” – Etapa Recanto das Emas**

Nesta oficina, oferecida em ambos os turnos em dois dias de atividade, os alunos participantes se reuniram em grupos para debater a realidade escolar e refletir sobre seu papel na transformação do espaço. Tivemos uma média total de 20 alunos participantes por oficina. No Recanto das Emas a oficina foi aplicada nos dois turnos e dividida em cinco momentos:

- Apresentação dos oficinairos da equipe FIOCRUZ e explicação dos objetivos e metodologia da oficina
- Alunos se apresentam e dividem-se em grupos;
- Grupos escrevem em tiras de papel as características da escola (como a escola é) a partir de quatro vieses - “Quando gosto da escola?”; “Quando não gosto da escola?”; “Quando aprendo na escola?”; “Quando não aprendo?”;
- Intervalo para que cada grupo veja as respostas do outros
- Grupos escrevem nas cartolinas como a escola deveria ser;
- Intervalo para que cada grupo veja as respostas dos outros
- Grupos escrevem as ações e medidas que podem ser tomadas para chegar ao ideal de escola projetado;
- Conclusão sobre Participação Juvenil e o papel dos jovens nas mudanças que querem ver

A primeira oficina, com turmas de todas as séries do Ensino Médio, teve início com uma dinâmica de apresentação dos alunos em que tinham que dizer o que achavam da escola em uma palavra. A opinião geral dos alunos, aparentemente desinteressados pela oficina, é de que a escola é “chata”. Apenas dois alunos responderam diferentemente, um dizendo que a escola é “de boa” e outro que a escola é “ruim”.

Os alunos estavam dispersos, entrando e saindo da sala ao longo de toda a oficina. Houve demora para montar os grupos e organizar os trabalhos devido ao pouco interesse dos participantes. Apenas na segunda tentativa houve sucesso em dividir os estudantes em quatro grupos para iniciar o trabalho.

Foram entregues tiras de papel onde seriam respondidas, uma por vez, as quatro questões fundamentais da atividade. As respostas, definidas coletivamente como as que melhor representavam os grupos, foram então coladas em cartolinas para encerrar esta etapa da atividade. Em seguida houve uma mudança no andamento proposto da oficina. Ao perceber que os grupos não saíam de seus lugares para ver as respostas de outros grupos, a solução encontrada pelos oficinairos para estimular a participação foi passar as cartolinas entre todos os grupos.

Nesta etapa algumas respostas se destacam, como “[gosto da escola] quando vou embora”; “[não gosto da escola] quando os professores se juntam para falar mal dos alunos” “aprendo na escola quando a matéria é legal e a turma fica calada”; “[não aprendo] quando estou conversando”.

O mesmo procedimento foi realizado nas duas etapas seguintes, descrevendo como a escola deveria ser e que medidas deveriam ser tomadas para chegar lá. As respostas destas duas etapas foram coladas em novas cartolinas. Todas as cartolinas são diferenciadas pela cor de acordo com o tema abordado na etapa da atividade. As respostas destacadas aqui indicam que, na opinião dos alunos, deveria haver mais “respeito ao próximo” na escola e “menos aula, mais ‘intervalus’”. Esta última contém um erro ortográfico deliberado jocoso por parte dos alunos. Na última etapa, sobre o que deve ser feito para melhorar a escola, um dos alunos escreveu “estudar mais, prestar atenção nas aulas”.

Concluimos a oficina com breves palavras sobre ferramentas de participação juvenil e o papel dos estudantes na melhoria da escola, mas pela proximidade da hora do intervalo os estudantes estavam ainda mais dispersos e deram pouca atenção ao que estava sendo dito. Houve desordem e pouca participação da maior parte dos estudantes, os adolescentes, em média com 15 anos de idade, mostraram-se desinteressados pela oficina.

Na segunda rodada da oficina, no período vespertino com alunos de séries do Ensino Fundamental, iniciamos novamente com uma dinâmica de apresentação: os estudantes teriam que dizer o seu nome e uma palavra que representasse a escola. Em seguida explicamos como seria a oficina e o seu objetivo e neste momento uma estudante fez a indagação se a atividade iria mudar a escola. Na roda de apresentação destacam-se algumas palavras representativas que foram: “mulheres”, “chatices”, “legal”, “estudar”, “conhecimento” entre outras. Participaram da atividade 19 estudantes do 1º e 2º ano divididos aleatoriamente em quatro grupos.

No primeiro momento teriam que apontar como era a escola, durante a elaboração da atividade alguns estudantes não mostraram interesse e ficaram utilizando seus celulares.

No segundo momento expuseram o cartaz que produziram e escolheram um representante em cada grupo para apresentação deste, enquanto isso os estudantes teriam que percorrer os outros grupos e os trabalhos expostos. Um dos grupos, formado apenas por meninas, produziu um cartaz cheio de desenhos, flores e corações, além de tirarem fotos com seus celulares durante toda a oficina, indicando os motivos da escola requisitar uma oficina específica para tratar de mídias sociais.

O terceiro momento foi norteado pela pergunta “Como a escola deveria ser?”. Durante a criação do cartaz os estudantes de maneira geral mostraram uma preocupação com a aparência e a escrita no trabalho. Utilizaram como expressão desenhos, linguagens das redes sociais e alguns símbolos como o do amor e paz.

Ao longo da atividade alguns alunos apareceram na janela da sala e perguntaram sobre a atividade que estava sendo feita para os colegas e se poderiam participar.

Nos mesmos moldes dos cartazes anteriores, foi elaborado um terceiro descrevendo os meios para ligar o ideal ao real, e finalizamos discutindo o papel dos estudantes nas transformações para melhoria da escola.

No segundo dia ocorreram mais duas oficinas voltadas para os mesmos públicos do dia anterior – ensino médio pela manhã e fundamental a tarde e com a mesma média de alunos do primeiro dia. Iniciamos novamente com uma apresentação em círculo e nesta

oficina contamos com boa participação dos estudantes, mais dispostos e interessados do que no dia anterior. Quatro alunos estão fazendo a oficina pela segunda vez. Além dos objetivos iniciais da oficina, e ao longo da atividade, falamos sobre o conceito ampliado de saúde, os objetivos da oficina para estimular a participação juvenil e sobre questões relacionadas com a cidade, em temas como mobilidade urbana, copa do mundo e discriminação.

Divididos em quatro grupos, discutiram tranquilamente as questões e escreveram suas conclusões nas cartolinas. Os alunos apresentaram em seguida suas conclusões para os outros grupos, provocando interação entre os alunos que comentaram concordando ou discordando das respostas dadas pelos outros.

No terceiro momento os alunos descreveram a escola ideal, colocando suas sugestões de forma tranqüila. Dois alunos foram à frente e apresentaram para os outros. Com a falta de tempo a oficina teve de acelerar e tivemos pouco tempo para finalizar e passar para a etapa seguinte

Por último os estudantes escreveram as possíveis estratégias e ações que eles, como alunos, poderiam fazer para melhorar a escola que queriam. Expressaram-se de forma mais livre, sem utilizar papel . As propostas foram bem realistas, porém não conseguiram se ver como protagonistas no processo de transformação, eximindo-se da responsabilidade de mudar a situação da escola.

Finalizaram discutindo a possibilidade de criar um grêmio estudantil. Os alunos ainda fizeram uma avaliação da oficina e da possibilidade de transformarem o mundo. A conclusão foi positiva e gostaram muito da oficina pois puderam expressar suas ideias livremente.

A segunda oficina do dia começou com uma breve apresentação da FIOCRUZ: sua origem, com o que trabalha, sua importância no contexto brasileiro, além da importância do conceito ampliado de saúde. Após essa apresentação começa o debate sobre a participação juvenil e o seu protagonismo através de percepções dos alunos sobre sua escola e território. Falou-se sobre a importância de se organizar coletivamente, para assim poder esclarecer e se empoderar frente aos problemas da comunidade escolar e ao mundo em geral.

No momento seguinte ocorre à dinâmica para se apresentar e entrar em sintonia para a oficina. Após o término da dinâmica de abertura, osicineiros explicaram os objetivos da atividade.

No desenvolvimento do primeiro momento da oficina, os alunos foram divididos em quatro grupos, debateram sobre as perguntas norteadoras da oficina e materializaram suas impressões na cartolina a partir das mesmas questões, depois compartilharam as respostas com os outros grupos da mesma forma que nas oficinas anteriores.

No segundo momento da oficina os alunos escreveram na cartolina qual seria a escola ideal a partir das colocações debatidas em grupo sobre o que seria uma melhoria para a escola

em diversos temas. Depois novamente trocaram contribuições com outros grupos, como no primeiro momento.

Em uma terceira cartolina escreveram então as estratégias e metodologias que poderiam fazer para melhorar a escola, atravessar a ponte da escola que temos e que queremos. Dois representantes de cada grupo foram à frente de todos falar sobre as impressões do grupo referente a todos os momentos que foram desenvolvidos antes.

Para finalizar, os alunos apontaram suas reflexões sobre a possibilidade de mudar através das estratégias locais, como se organizar e da importância de conhecer seu território e sua escola para poder apontar as mudanças e, assim, promovê-las. Os alunos participaram ativamente e citaram melhoras estruturais na escola, bem como comportamentais. Viram que podem fazer muitas coisas, além de buscar o entendimento da escola para preparação do futuro, saindo da escola para poder escolher o que fazer, não somente ser mais uma engrenagem. Entender que os espaços de diálogo na escola são os debates, e a contribuição de todos os participantes da comunidade escolar.

As realidades encontradas nas diferentes escolas onde as oficinas foram aplicadas traz a tona questões sobre o protagonismo e o papel do estudante em transformar a realidade encontrada em sua escola. Adquirimos mais experiência na aplicação desta oficina, com as devidas adaptações de acordo com o grau de adesão de cada turma. Podemos considerar o resultado como positivo na transmissão da mensagem e cumprimento dos objetivos.

• **Oficina “Uso Responsável das Mídias Sociais” – Etapa Recanto das Emas**

A oficina, criada a partir de uma demanda interna da escola do Recanto das Emas e realizada novamente em São Sebastião, seguiu os passos abaixo:

- Apresentação dosicineiros
- Apresentação dos alunos e início do debate por meio da pergunta norteadora
- Abertura de espaço para diálogo intercalado com realização de dinâmicas para compreensão das mídias sociais
- Roda de conversa sobre os temas abordados para absorção dos conteúdos transmitidos

A primeira oficina sobre mídias sociais ocorreu no turno matutino com a participação de aproximadamente 20 estudantes do Ensino Médio.

Após dinâmica de apresentação onde cada aluno dizia seu nome e a rede social que mais utiliza, passamos para a pergunta norteadora que foi “Como utilizamos as redes sociais?” e a partir desta reflexão entender como a usamos. A maioria dos estudantes falaram do Facebook, das fotos de si próprio, o “selfie”, da visualização de notícias e sobre como é um modo de ver “a vida alheia”. Contaram sobre o grupo no whatsapp, o “Grupo de Esparro”, descrito como a nova modinha da escola, uma vez que lá é “referência” segundo um dos estudantes. Soubemos mais tarde que se trata de um grupo de troca de fotos íntimas entre jovens de todo o Distrito

Federal, onde são expostas fotos de nudez, a maioria de estudantes.

Durante esta oficina contamos com a intervenção da drag queen Larissa Hollywood, que trouxe a discussão da privacidade a tona, falando também sobre os conflitos interpessoais e como reproduzimos constantemente o preconceito e o desrespeito às diferenças. Incentivou os estudantes a refletir de que forma podemos fazer um bom uso das mídias sociais. Os jovens responderam que podem utilizar para fazer amigos, por exemplo. Sugere que se coloquem fotos do que gostem de fazer, proponham mudanças e espaços de maior participação dos jovens.

Larissa pergunta aos estudantes o que acharam no primeiro dia que a viram. Todos responderam que acharam esquisito. Ela perguntou novamente se no dia seguinte, acharam esquisito. Eles disseram que não, que a acharam normal. Larissa falou então da questão da diversidade e o respeito ao próximo. Compartilhou sua experiência familiar e a questão do preconceito e aceitação, convidando um menino para fazer o papel de sua mãe e encenar uma situação dramática proposta por Larissa. Comentou ainda sobre a importância de não ofender pelo Facebook e utilizar a ferramenta de forma positiva. Larissa encerra sua participação convidando a todos a fazerem a “oração das drags” com ela, parte da performance dela.

Logo após a intervenção retomamos a oficina com a Dinâmica do Barbante que busca simular o compartilhamento em redes sociais. O fio do barbante é jogado para as pessoas desenhando uma rede de relações entre os estudantes e mostra as conexões nas redes sociais em uma metáfora da rapidez, a abrangência, a natureza do que é compartilhado pelos alunos. A ideia foi buscar entender que aquele arranjo de pessoas interligadas representa a formação de uma rede. Também discutiram casos recentes da mídia como o do Daniel Alves, jogador de futebol que foi vítima de um caso de racismo durante uma partida e as manifestações sobre o caso que foram iniciadas por meio de redes sociais.

Surgiu ainda outro ponto de discussão. Começaram a falar das fotos de meninas nuas, a chamada “pornografia de vingança”, quando um ex-namorado expõe a mulher nas redes e mídias sociais. Comentaram novamente sobre o Grupo do Esparro, onde muitos já foram “esparrados” e já “esparraram”. O esparro, segundo eles é uma forma de difamação pela exposição com fotos. Buscamos fazer uma reflexão relacionando o bullying com o ato de esparrar e ser conivente, e, segundo os estudantes, não era a mesma coisa, pois quem sofria o esparro, ficava no máximo até 3 dias sem vir a escola, que apesar da vergonha causada não poderia perder aulas.

Após a reflexão foi realizada uma última dinâmica onde os estudantes fizeram a brincadeira do telefone sem fio, para mostrar como, em uma rede social, não há controle sobre a informação e como ela é transmitida. A frase inicial foi: “Ensinem os homens a não estuprar. E não as mulheres a não poderem se vestir como quiser”. A frase final foi “Mulher não usa roupa curta e é estuprada”.

O grupo se mostrou bastante favorável ao uso de mídias sociais em sala de aula, sugerindo diferentes usos como: tirar foto da matéria, repassar matéria perdida para estudo das provas e divulgação de eventos. Ao final, a turma tirou um “selfie” junta, que foi postado no facebook do Projeto SOMA.

- **Oficina “Uso Responsável das Mídias Sociais” – Etapa São Sebastião**

A oficina se iniciou com a participação de nove estudantes, sendo duas meninas e sete meninos. Ao longo da atividade mais alunos surgiram, totalizando 15 estudantes do Ensino Médio no total. Os alunos se apresentaram falando o nome, a idade e a mídia social que mais utilizam. A maioria dos alunos utiliza o facebook, whatsapp, skype para comunicação durante jogos online e o twitter para acompanhar as notícias sobre os mesmos jogos. Em geral os alunos falaram que utilizam as mídias sociais para divulgar eventos e notícias, além da utilização do skype para jogar.

Quando questionados sobre os riscos de utilização das redes sociais, os alunos falaram que evitavam postar informações de lugares aonde vão, se estão sozinhos, etc, pelo risco de exposição da vida pessoal e potenciais violências como assalto, roubo ou sequestro.

Foi utilizada a dinâmica do barbante (a pessoa pega um barbante, diz o nome e a mídia social que mais utiliza e passa para outra pessoa, formando uma “teia”) para demonstrar como as notícias compartilhadas com uma pessoa podem ser vistas por muitas outras pessoas. Também foi utilizada a dinâmica do telefone-sem-fio para demonstrar como uma mensagem pode ser modificada ao ser repassada adiante, distorcendo totalmente o seu sentido original.

Em seguida, formou-se uma roda de conversa para ponderação sobre os benefícios e riscos da utilização das mídias sociais. Um dos exemplos positivos induzidos pelos mediadores da oficina foi o de utilizar as redes sociais para fazer denúncias sociais sobre situações da comunidade e da escola, buscando apontar, com consciência, o que pode ser melhorado. Também foi falado pelos mediadores da importância de se ter um grêmio estudantil para representação dos alunos junto à direção da escola e que as mídias sociais poderiam auxiliar na organização desse grêmio.

Os alunos estavam bem apáticos com relação à atividade, não havendo muitas colocações destes ao longo da oficina. De forma geral, a dinâmica gerou pouco interesse dos alunos que evitaram se manifestar. Talvez o fato da demanda por esta oficina ter nascido em outra escola tenha influenciado na apatia dos alunos, que não viram neste um tema a ser problematizado. De qualquer forma, o resultado foi positivo com relação à instrução dos potenciais que as mídias sociais podem ter na modificação de quadros sociais, seja na comunidade ou na escola, e para organização de grupos que possam lutar por modificações de demandas sociais e escolares. Ao final a mensagem foi entendida pelos alunos segundo eles próprios.

Esta oficina foi criada a partir de uma demanda específica de Recanto das Emas para lidar com uma questão que incomodava os professores daquela escola. Em São Sebastião percebemos que não havia necessidade da oficina e que esta ficou deslocada. As questões do Recanto das Emas, como o grupo do “esparro” exigiram uma mobilização maior para instruir sobre a utilização de mídias sociais, e o mesmo não pode ser dito sobre a etapa de São Sebastião. De toda forma a experiência permitiu aprimorar a metodologia da oficina e formalizar como uma das possíveis atividades do Projeto SOMA.

- **Oficina Pensando o Preconceito (para professores) – Etapa São Sebastião**

A oficina contou com a participação de doze professores (as) da escola, dois membros da equipe da FIOCRUZ e do mediador Alexandre Staerke, Coordenador de Terapia Comunitária Integrativa/Numenapis/Gerpis/SAPS/SES-DF, que a iniciou com uma apresentação pessoal. Em seguida explicou sobre o mecanismo neuronal de como o preconceito torna-se cognitivo e como está ligado diretamente com o afeto e as experiências pessoais ao longo das trajetórias de vida. Falou que as pessoas são contra alguma coisa por alguma razão e que seria preciso entender a natureza dos preconceitos para desconstruí-los.

A ideia seria, então, buscar o conforto entre os presentes para dizer o que pensam. Por diversas vezes ponderou que todos têm direito a ter preconceitos e raiva, ressaltando ainda que aquele não era o espaço de julgamentos ou lições de moral sobre o politicamente correto. A ideia não seria instruí-los sobre o politicamente correto, mas sim criar um campo de confiança para que os preconceitos sejam externalizados e trabalhados. Em seguida foi formado um círculo e proposto que as pessoas se espreguiçassem e remexerem o corpo para despertar e soltar as articulações.

Os presentes se apresentaram dentro da dinâmica do barbante: cada participante pega o rolo de barbante, fala seu nome, a disciplina que lecionam, o que esperam da oficina, a cor preferida e o que mais odeia na vida. Após se apresentar o participante joga o rolo de barbante para uma outra pessoa, formando uma “teia” de barbante.

De maneira geral, a expectativa da oficina era de saber lidar com os jovens, identificar e modificar os preconceitos próprios e dos outros e buscar formas e estratégias para superação de preconceitos. Ao longo da atividade o mediador entrevistou por diversas vezes buscando retomar as falas dos presentes, na intenção de fixar o conhecimento transmitido, geralmente através de brincadeiras e estereótipos, para uma melhor compreensão das falas.

Em seguida foi feita outra dinâmica: palavras pejorativas (velho, aleijado, puta, preto, drogado, bêbado, corno, etc) foram coladas aleatoriamente nas costas dos professores sem que os mesmos tivessem consciência dessa palavra. Todos andaram pela sala de aula buscando manifestar de forma estereotipada a reação que teriam ao ver aquelas “pessoas” na rua. A ideia seria deflagrar as reações pessoais fruto de discriminação por preconceito.

Os professores formaram uma roda onde cada um tinha nas costas um estereótipo que deveria ser descoberto a partir da interação com os outros participantes, para que manifestassem o que sentiram durante a vivência. Os depoimentos variaram de acordo com os nomes colados em cada um. A professora que teve “puta” colada em suas costas manifestou o seu incômodo com a reação de ironia dos colegas, dizendo que ela própria tem preconceito contra as “putas” por considerar que elas escolhem o caminho mais fácil e degradante para viver.

O professor que teve “travesti” colado em suas costas demonstrou grande incômodo ao ler o nome. Ficou visivelmente constrangido e disse não ter se sentido bem. O professor que

recebeu “corno” como adjetivo disse ter se sentido ironizado, discorrendo sobre a perspectiva de ser traído como algo muito negativo, significando que a utilização da palavra de forma irônica é desrespeitosa em relação ao sentimento do outro. A professora que recebeu o adjetivo “gorda” falou da ironia dos outros colegas e disse ter se sentido identificada, já que ela se achava realmente gorda. Os termos como “sapatão”, “negro”, “velho” e “aleijado” não foram tão problematizados por não ter havido carga significativa de discriminação durante a vivência. De maneira geral, a reação dos presentes foi de ironia com muitos risos e certo constrangimento.

Após a roda de conversa, o mediador recolheu todos os papéis que estavam nas costas dos professores e colocou no centro da roda, perguntando como os presentes se sentiam vendo aqueles nomes longe deles. Os relatos sobre preconceitos e experiências de discriminação sofridas pelos presentes surgiram de maneira natural e o grupo criou o laço de confiança necessário para que as confissões íntimas acontecessem.

Uma professora expôs o seu preconceito contra os “drogados” reconhecendo em sua experiência pessoal o fator que a levou a tal preconceito. Num momento de intensa emoção, descoberta e sinceridade a professora reconheceu a origem do seu preconceito a partir de sua experiência de internação por depressão. Imediatamente percebeu que a drogadição não é uma questão apenas de escolha, assim como a sua inércia gerada pela depressão não o era. Outros relatos emotivos sobre preconceitos sentidos pelos “bêbados” também foram trabalhados a partir das experiências pessoais dos presentes, que, em geral, tinham contato com alcoólatras na família.

O professor que teve o estereótipo “travesti” colado em suas costas na primeira atividade falou que não estava de acordo com esse tipo de comportamento dentro da sala de aula e que fora dela cada um faz o que quer, mas dentro da sala dele não seria tolerada essa coisa de “ficar passando a mão no cabelo e na bunda”.

O mediador disse que não acredita em quem não tem preconceito, que todo mundo tem direito a ter preconceito. Volta a falar também que não quer o “politicamente correto”, tampouco uma análise histórica, de conceitos, do que é certo e do que é errado. Porém, logo em seguida falou da importância da posição ética dos professores, como funcionários públicos dedicados à educação, em relação à manifestação de preconceito, ou seja, em atos discriminatórios dentro de sala de aula. A ideia é de que todos têm direito a ter preconceito, mas não de intervir na vida dos outros. Dentro de uma abordagem da psicologia, esclareceu que os preconceitos existem como forma de manifestar algum conteúdo interno.

A roda de conversa seguiu com relatos sinceros sobre os preconceitos identificados por cada um dos professores, inclusive, com a colaboração de outros professores que interviam no sentido de problematizar os termos utilizados na linguagem dos seus colegas como frutos de preconceitos, abrindo espaço para uma reflexão mais profunda sobre como os preconceitos invadem as categorias de pensamento, linguagens e forma de ver o mundo.

Ao final dessa roda de conversa, a coordenadora do Projeto Soma, Tuka Villa-lobos, entrou na sala repentinamente, junto com membros da equipe do projeto e a drag queen

Larissa Hollywood, que falou de forma direta sobre a questão da diversidade de gênero não como uma questão de escolha, mas como uma questão de ser, de sentir e de expressar o que se é. Novamente ocorreu um momento de tensão entre a drag queen em relação ao professor que manifestou rejeição por comportamentos “afeminados” em sala de aula, sendo este momento oportuno para dizer que não se escolhe ser alguém em sala de aula diferente do que se é fora de sala de aula. A identidade, incluindo a diversidade de gênero, é sentida e expressada de forma constante e não deve ser reprimida por se estar em sala de aula. Ao contrário, a sala de aula deveria ser um espaço de acolhimento dessa diversidade de identidades, inclusive das dificuldades de sua expressão e plenitude numa sociedade que tende a nos homogeneizar.

Tuka trouxe para os professores dados impressionantes sobre os alunos daquela escola: 25 casos de tentativa de suicídio, diversos casos de automutilação, casos de anorexia e bulimia. Relatou que no dia anterior um aluno quase se jogou em frente a um carro e que o mesmo foi salvo por um colega que buscou conversar com ele. Tuka disse também que ao questionar os alunos sobre a busca dos professores para conversar sobre questões pessoais, a maioria diz que não procura os professores, sem saber o porquê de tal comportamento, o que sugere uma falta de confiança. Por fim, ressaltou que a missão do professor é sim, a cada dia, estar disposto a lidar não só com a transmissão de conteúdos escolares, mas também com os problemas vividos pelos alunos e com as suas diversidades de formas de ser e se expressar.

Todos levantados se abraçaram formando um círculo. Cada um falou o que levava daquela experiência. De maneira geral, os professores gostaram muito da dinâmica e disseram que ela ajudou a reconhecer preconceitos que eles não sabiam que traziam. Também falaram da importância de buscar uma maior proximidade com os alunos, abrindo espaço para os vínculos de confiança e para o diálogo sobre questões que incomodam esses alunos.

A oficina teve um enorme poder de tocar os professores, em pouco tempo. Logrou-se trabalhar temas subjetivos e de grande carga emotiva em um curto espaço de tempo. Conseguiu-se sensibilizar os docentes para a importância de reconhecer os seus preconceitos e saber trabalhá-los para não afetar a vida dos alunos e, mais do que isso, para oferecerem canal aberto de comunicação para que estes alunos possam encontrar neles pessoas de confiança, para o compartilhamento de sofrimentos vividos em suas vidas.

Não foi feita relatoria das oficinas “Escola que temos, escola que queremos” e da “Aula da inquietação” na Etapa de São Sebastião no período da tarde.

Considerando a mudança no comportamento dos professores com relação aos alunos, podemos considerar que a oficina alcançou seu objetivo de sensibilizar os educadores sobre os problemas enfrentados pelos estudantes e que, em alguns casos, eram agravados pelos professores. Foi necessário mostrá-los que deve haver respeito e abrir espaço para a fala dos estudantes livre da opressão que sofriam. A abordagem psicológica, sem ser terapêutica, abriu a oportunidade de construção de vínculos de confiança que poderiam ser futuramente trabalhados na relação entre o professor e seus alunos.

Pesquisa sobre a Percepção da Escola

Além das oficinas aplicadas, a equipe da FIOCRUZ realizou um estudo exploratório sobre o conhecimento prévio, as expectativas e a percepção dos alunos com relação ao projeto SOMA na sua escola, além de abordar temas considerados relevantes em cada uma das comunidades escolares do projeto, como violência e bullying, espaços de participação e diálogo na escola, respeito nas relações interpessoais entre alunos e entre estes e os professores no cotidiano escolar, percepção global sobre a escola e a comunidade.

Considerando que cada escola apresentava um cenário com problemas diferentes, foram elaborados dois roteiros compostos por blocos comuns, como as informações sobre perfil sociodemográfico, a série, ou sobre conhecimento prévio acerca do SOMA e outros específicos sobre violência, bullying, participação na escola, ou percepção sobre a comunidade circundante, em resposta às questões priorizadas em cada comunidade escolar. A pesquisa de campo, a partir de entrevistas semi-estruturadas, aconteceu nos dias das atividades do projeto e os alunos entrevistados foram aqueles que não se encontravam em nenhuma oficina no momento da entrevista. Nas etapas de Planaltina e São Sebastião os alunos foram abordados em grupo, enquanto na de Recanto das Emas foram abordados individualmente. Os questionários foram sempre preenchidos pelo entrevistador.

Na etapa de Planaltina a pesquisa foi mais voltada para a percepção das atividades do Projeto, enquanto nas outras etapas houve maior profundidade nas questões abordadas pelo Projeto. As etapas de Recanto das Emas e São Sebastião foram melhor estruturadas devido ao maior tempo para preparação do questionário base das entrevistas e estruturação da equipe para coleta de dados. Os roteiros elaborados se encontram em anexo A seguir apresentamos os resultados colhidos nas três primeiras etapas.

Etapa de Planaltina

A pesquisa da etapa de Planaltina foi realizada a partir dos questionários aplicados pelos alunos na oficina de Investigação Participativa. Não houve sistematização dos dados de perfil dos alunos respondentes nem critérios de classificação devido ao pouco tempo para organização das informações coletadas. As entrevistas foram realizadas no primeiro dia de atividades do projeto.

Ao serem indagados sobre o projeto SOMA, os alunos participantes relataram que não havia um conhecimento prévio a respeito do projeto antes que as atividades iniciassem. Os estudantes foram avisados no dia 21 de outubro que haveria o projeto, mas muitos tomaram conhecimento do que aconteceria apenas no primeiro dia de atividades, o que sugere dificuldades na comunicação entre a direção e coordenação da escola e os estudantes e resulta na falta de motivação dos estudantes para participar das atividades promovidas pois não se percebem como parte integrante do Projeto.

Quando perguntados sobre o que eles achavam que se tratava as atividades do Projeto

SOMA, uma estudante disse que recordava da fala da Tuka Villalobos na mesa de abertura, onde esta trouxe a questão do bullying e da violência nas escolas. A maioria disse não ter sido informada sobre as temáticas que seriam abordadas nas oficinas, muito menos sobre a programação ou formato do evento.

As informações repassadas aos alunos não explicavam bem do que se tratava o projeto, apesar dos avisos em sala de aula e dos cartazes pregados na escola, o que pode significar também o desinteresse por parte dos professores por não se perceberem como parte das atividades ou não entenderem a proposta do Projeto SOMA. Dessa forma não se empenharam em mobilizar os alunos. Os alunos não sabiam ao certo o que era o projeto e o que estava acontecendo na escola, sabiam apenas que seriam dois dias de atividades, no qual ganhariam um ponto na média por participação. Muitos tomaram conhecimento das atividades apenas quando receberam o cronograma do projeto.

Com relação à adesão, a participação era praticamente obrigatória, pois o “Centrão” incluiu as atividades no tempo escolar sujeito ao controle de presença e atribuiu um ponto na média final para quem comprovasse participação por meio de uma ficha de controle da presença do estudante em alguma oficina. Percebemos que, embora a adesão dos alunos fosse grande e que estivessem interessados nas atividades, o incentivo para aumentar a nota escolar foi a motivação inicial para comparecer às atividades. Os estudantes trouxeram para a reflexão a questão de sentirem que iriam “por obrigação e não por vontade”, apontando para a necessidade de mudança desse pensamento de “gratificar” a participação deles.

Segundo um estudante, se eles vão se beneficiar com as ações que seriam desenvolvidas, não haveria motivo para ter que valer nota e assim condicionar a participação dos jovens, fato que os faziam sentir que a nota acaba sendo “meio dada”. Indagaram a busca por projetos mais interativos, com mais debates e espaços de diversidade cultural. Falaram também que tiveram de participar do desfile de Planaltina, o que não gostaram muito, pois a atividade valia dois pontos (2,0) e ocorreu num domingo, às 07h, incluindo os ensaios anteriores.

O modo como a escola se posicionou em relação ao projeto não estimulava a liberdade e participação dos alunos a partir da crença de que não havia interesse por parte deles em participar. Esta falta de diálogo dificulta não apenas a realização das atividades, mas também a boa convivência na escola. Podemos supor que uma estratégia para atrair a participação, diferente de oferecer pontuação na média escolar, é estimular que os próprios estudantes participem por perceber a importância do que está sendo dito e na medida do possível entrem na construção da proposta desde o início. Possivelmente não seria necessária a obrigatoriedade de participação em troca de notas escolares, visto que houve grande adesão ao projeto por parte dos estudantes. O mesmo não pode ser dito com relação à adesão dos professores. Não percebemos adesão por parte destes, visto que não participaram das atividades e, por opção, permaneceram na sala de coordenação, possivelmente por não se perceberem como parte do projeto. Não há registro pela sistematização de professores que se integraram à proposta do Projeto.

Sobre os temas debatidos no projeto, os estudantes afirmaram que as temáticas

abordadas, principalmente a diversidade sexual, não são objetos de debates em seus círculos de amigos e família. As rodas de conversa sobre diversidade sexual não faziam parte do interesse de todos os alunos, sendo tratada com indiferença por alguns deles, por exemplo. Eles gostariam que fossem discutida na escola a questão do preconceito, preconceito religioso, noções de Ética, direito penal pois segundo um estudante, se os jovens entendessem o que “é certo e errado” as coisas seriam diferentes. Falaram também que queriam saber mais sobre Constituição Federal e seus direitos fundamentais, seus direitos de participação. Sugeriram que para se trabalhar com essas temáticas, consideravam recursos como vídeos e aulas mais dinâmicas como uma prática mais eficaz.

Um dos principais problemas encontrados durante a visita ao “Centrão” é a percepção dos alunos de que se trata de uma escola estigmatizada dentro da comunidade de Planaltina por preconceito contra homossexuais. A comunidade escolar trata de forma preconceituosa os alunos da escola, segundo eles próprios. Isto acaba se refletindo em problemas de violência dentro da escola. Foi relatado que havia problema com alunos de outras escolas próximas que marcavam brigas do lado de fora do Centrão, destacando a necessidade de promover uma cultura de paz e respeito à diversidade. As motivações para as brigas variam desde o preconceito de gênero até disputas de gangues rivais.

Os jovens disseram haver muita violência ao redor da escola, com frequência grande de assaltos cometidos muitas das vezes por conhecidos da comunidade escolar, fator que segundo eles contribui para que a situação não mude. Consideraram o interior da escola como um local pouco seguro, enquanto fora da escola há bastante violência e que esta combinação forma um dos principais problemas do Centrão. Segundo eles, as turmas do turno matutino são mais tranquilas em comparação ao turno vespertino, que conta com uma maioria de estudantes “imprudentes” e mais velhos e a noite, na EJA, muitos trabalhavam.

Nos foi relatado que o bullying, porém, é praticado com frequência contra alunos obesos e com baixa estatura, tendo duas alunas se manifestado no sentido de informar que sofrem bullying com maior intensidade. Informaram que não há, por parte da direção da escola, atitudes preventivas ou repressivas para resolver este problema. Os professores nos relataram não estarem preparados para a mediação social, para a resolução de conflitos de todos os tipos e principalmente de gênero e sexualidade, por isso as palestras de mediação social e as oficinas de teatro voltarão para os professores, pais e funcionários, a fim de prepará-los. Esta ajuda foi pedida pela escola diretamente ao projeto.

Quanto a preconceito racial, os alunos disseram não ter presenciado, não sendo, segundo os mesmos, algo que ocorra dentro da escola. Na entrevista com os estudantes, quando questionados a respeito do bullying, a maioria das pessoas entrevistadas respondeu que já havia sofrido bullying na escola. Um dos entrevistados disse que chegou a revidar as agressões. Os outros, simplesmente não reagiram e nem contaram para alguém, por medo e por vergonha.

Além do fato já apontado anteriormente sobre o desconhecimento dos alunos em relação ao projeto, foi percebido que o problema de comunicação vai além disso. Os alunos

sugeriram que a escola não os ouve ou considera suas opiniões na tomada de decisões que os envolvem. Não havendo espaços para diálogo, as decisões são sempre tomadas de cima para baixo, isto é, a partir da coordenação e que os estudantes são apenas avisados a respeito.

Nos foi relatado que não existe grêmio ou representação estudantil na escola para equilibrar e horizontalizar o diálogo nas decisões tomadas pela direção. Segundo eles, não há Grêmio Estudantil por falta de interesse e organização dos estudantes e os representantes de turma não eram responsáveis por representar estudantes, mas somente por “buscar e entregar a carteirinha” para os colegas.

Outra questão interessante percebida é sobre a expectativa dos alunos sobre a oficina de Investigação Participativa promovida pela Fiocruz no Projeto. Muitos acreditavam se tratar de oficinas de profissionalização na área de comunicação/jornalismo e sugeriram que a escola poderia ajudá-los com testes vocacionais e capacitações profissionalizantes, o que demonstra uma das demandas dos estudantes a qual não é dada a devida atenção.

Os estudantes comentaram também sobre outras atividades extracurriculares promovidas pelo Centrão, como palestras sobre drogas que acontecem com frequência. O Cineclube, proposto pelo professor de artes desde 2011, estava sendo utilizado atualmente pelo professor de filosofia, no entanto os estudantes não se sentiam atraídos pelos filmes escolhidos. Disseram haver uma votação para a escolha dos filmes, mas que poucos estudantes se interessam pela proposta de trazer outros tipos de cinema e filmes fora do circuito norte-americano.

Comentaram também sobre o projeto de Consciência Negra, onde cada professor desenvolvia sua atividade e a participação era optativa. O projeto Halloween do ano passado foi colocado como algo divertido, pois cada sala organizou uma atividade mediada pelos professores conselheiros que abrangia desde decoração até a comida, as roupas, etc.

Relataram que existe muita propaganda de faculdade e cursos privados na escola, e que já passaram por ações de saúde bucal, como aplicação de flúor, palestra sobre escovação, etc. Citaram o Projeto “Corte de Cabelo” e falaram bastante sobre o CLIARTE-Ciência, Literatura e Arte, projeto da escola que engloba todos os professores e possuem diferentes atividades e sobre o ENTREJOVENS, projeto extra classe que acontecia aos sábados com agente jovem da comunidade, através de aulas de reforço que valiam nota. Os alunos reafirmaram a importância de eventos e projetos como o Soma e que deveriam acontecer com mais frequência.

A maioria dos alunos entrevistados afirmou que multiplicaria de alguma forma as ideias e temas abordados pelo projeto. Consideram importante compartilhar os conhecimentos adquiridos com o projeto com outras pessoas. O objetivo de criar uma cultura de paz e diminuir o bullying e violência é percebido como importante, e os alunos percebem que cabe a eles promover a conscientização e a propagação da cultura de paz. Os alunos estão empenhados em cada atividade e a mensagem está sendo transmitida de maneira dinâmica e todos esperam que os conhecimentos adquiridos sejam utilizados e repassados. A percepção de não participação dos alunos nas atividades da escola não impede que critiquem ou percebam que o desinteresse dos colegas com relação a alguns projetos extracurriculares acabam manifestando o desejo de que um número maior de atividades seja ofertado. Eles querem e também sinalizam uma

percepção de si como capazes de participar, difundir o que acreditam e aprendem. Logo a forma de participação e a comunicação dentro da escola são fatores a serem considerados para melhorar a qualidade do envolvimento dos alunos com as atividades propostas, visto que a direção da escola busca apoio fora, nos parceiros, percebe alguns dos problemas trazidos pelos alunos e tenta resolvê-los, mas acaba deixando de fora os alunos e professores no processo de construção das soluções.

Etapa de Recanto das Emas

No Recanto das Emas 60 alunos foram entrevistados, uma amostra equivalente a cerca de 5% do universo total de estudantes. 53% da amostra são do sexo masculino e a média de idade é de 14 anos. Obtivemos mais sucesso em entrevistar estudantes do ensino fundamental, totalizando 67% de todos os entrevistados. Do universo pesquisado duas pessoas já haviam concluído os estudos e atuam como monitores da escola.

Sobre a Escola, todos os alunos entrevistados relataram que gostam muito e a consideram muito boa. Contaram que, há alguns anos, era considerada a pior escola do Recanto das Emas, mas que mudou muito, principalmente depois do novo diretor, que a escola se tornou mais limpa, conservada, sem briga e sem violência, mais agradável. Um aluno veio de escola particular e achou que a estrutura não é muito diferente de sua antiga escola.

Quando questionados sobre o diretor, a opinião geral é de que o diretor é rígido, mas sabe conversar com os alunos. O trabalho do diretor também é diretamente associado às melhorias estruturais da escola, citando que esta é mais limpa e segura. Dois entrevistados atribuem a segurança na escola à chegada do atual diretor. Sobre os professores, muitos alunos destacaram que os alunos se sentiriam mais motivados a estudar com aulas dinâmicas e formas diferentes de transmitir o conteúdo.

Quando há algum problema os alunos, como desempenho escolar, questões de violência doméstica ou sexualidade, podem procurar o serviço de orientação do estudante. Os professores, quando percebem um problema, acompanham e oferecem ajuda ao aluno. A escola ajuda alunos quando percebem problemas, e presta acompanhamento nos casos em que considera necessário. Mas a escola não busca saber se há algo de errado, espera que o aluno procure ou mostre sinais de problema. Há um apoio da escola na resolução de problemas, quando são percebidos ou o aluno procura a equipe de ensino. Dois entrevistados disseram que, dependendo do assunto, procuram primeiro a escola para resolver algum problema. Quatro afirmaram que preferem procurar a família primeiro, quando estão algum problema e dois procuram primeiro a escola, porque o coordenador explica como eles devem falar com os pais, para chegar em casa com o problema resolvido.

As críticas dos estudantes sobre a escola são, em sua maioria, genéricas, como o desgosto por aulas específicas (as mais citadas foram inglês e matemática). Mas há críticas mais específicas, sobre a qualidade do espaço da quadra de esportes e das refeições servidas. Os

alunos pedem por reformas na quadra, mudança nos horários de intervalo e liberação do uso de celular na escola. Na questão de segurança, dois alunos não percebem a escola como um local seguro. A constante entre a maioria dos entrevistados é de que se sentem seguros dentro da escola. Outro problema detectado na escola é que não há participação estudantil na tomada de decisões. A escola não tem grêmio estudantil, mas tem uma rádio de estudantes.

Nenhum dos alunos conhecia o projeto SOMA, apesar das apresentações da produtora em sala de aula semanas antes do evento e explicação realizada no conselho de classe. Afirmaram saber, sem muita ideia sobre o que se passava que se tratava de um projeto sobre violência e bullying. Participaram das oficinas, das palestras e gostaram muito das atividades propostas. Dois entrevistados definiram o projeto como um “momento de recreação”.

Os estudantes em geral passam mais tempo fora de casa do que em casa quando não estão na escola. As atividades externas mais frequentes são esportes como futebol e dança, enquanto as internas que mais surgiram foram relacionadas sempre a aparelhos como televisão e videogames ou uso de computador. Os alunos dividem a maior parte do tempo livre fora da escola em atividades lúdicas. Em segundo lugar mencionam os estudos. Um destacou que trabalha. Quatro entrevistados disseram colaborar com tarefas domésticas.

A maioria dos estudantes entrevistados considera ter muitos amigos e fazem uso frequente de redes sociais, algo percebido durante os dias de projeto na escola. As mais citadas foram Whatsapp e Facebook.

Quando perguntados sobre a relação com os pais, familiares ou responsáveis, percebemos que os responsáveis são presentes e participam da vida escolar, mesmo que em diferentes níveis. Os responsáveis acompanham o desempenho e procuram saber junto à escola o que se passa, especialmente das reuniões entre pais e professores e da entrega de boletins. Na maioria dos casos, também, os estudantes não apreciam a relação dos pais com a escola e preferem que não haja proximidade entre ambos. Segundo os alunos, os pais não procuram a escola, mas, quando são procurados por ela, comparecem. Três alunos relataram que os pais não participam da vida escolar e dois disseram que o diálogo em casa é baseado em conflito

Muitos alunos vêm de lares com outros familiares (moram com avós ou tios) ou onde um dos pais não está presente. Percebemos também uma frequência de famílias numerosas, isto é, lares com mais de quatro pessoas. Cerca de 10% classificou a relação com os pais como “distante e difícil”. Há participação na vida pessoal também, conversam sobre assuntos “incômodos”.

Ao serem perguntados “o que é violência?”, muitos estudantes relacionaram com bullying e atos de desrespeito e agressões tanto físicas como verbais, além de atos que magoam as pessoas. A maioria não se reconheceu como praticante de violência. Apenas um estudante admitiu ser praticante de bullying. Três alunas afirmaram que sofrem bullying de meninos. Elas contaram que já comunicaram a direção, que conversou com os alunos e deu suspensão, mas que o problema não foi resolvido.

Todos relataram já terem vivido violência, como bullying na escola, e que o sentimento

sempre é horrível, de vergonha, baixa autoestima e raiva. A maioria não reagiu, o relato de um aluno sobre sua reação, foi que apanhou depois de reagir. Apenas um dos alunos entrevistados falou que nunca sofreu algum tipo de violência, o restante falou que já foi assaltado ou agredido fora da escola.

Foi-nos relatado que há uma sensação de insegurança fora da escola. Os alunos precisam andar em grupo para passar por certas áreas do Recanto das Emas sem sofrer casos de violência. Uma aluna reclamou da quadra que fica na esquina da escola, onde existe um ponto de drogas. Dois estudantes relataram que alguns alunos da escola fazem parte de gangues, que são olheiros, ficam de olho nas coisas dos outros alunos e informam para pessoas que estão do lado de fora, para assaltar e roubar na saída.

Um dos entrevistados afirmou que sua rua é perigosa e que fica, com seus amigos, na área dentro de casa conversando e não na rua. Comenta que teve uma prima de 14 anos que foi estuprada e que hoje a família sempre a acompanha para vir para a escola, pois ainda tem muito medo. Devido a um histórico de casos como este, as meninas se percebem como mais vulneráveis.

Foi-nos dito que os problemas relacionados à violência ocorrem sempre fora da escola. Registramos durante as entrevistas também que são comuns preconceitos étnicos e contra homossexuais. Os alunos relataram casos em que foram vítimas de assaltos, a forma de violência mais registrada durante as entrevistas.

Quando começamos a falar dos casos de violência, uma das alunas comentou do caso de uma menina que fora ameaçada por um traficante da comunidade em troca de uma foto nua. A direção interferiu neste caso e chamou a polícia. Segundo a entrevistada, já ocorreram casos de estudantes com lança-perfume e que o diretor conversou com os jovens e não chamou a polícia, mas sim a família.

Estudantes se sentem indignados com a violência, mas se percebem impotentes para fazer algo a respeito. Não conseguem reagir. Três alunos falaram que não fizeram nada a respeito das violências sofridas, um falou que tentou denunciar, mas não deu em nada. Uma estudante disse se sentir humilhada, além de outro que se sente acuado e assustado pela violência além dos muros da escola. De maneira geral os alunos pedem por mais policiamento na comunidade

Etapa de São Sebastião

Durante os dois dias de atuação da equipe da Fiocruz no CEM 01 de São Sebastião foram realizadas 32 entrevistas com os estudantes selecionados aleatoriamente. Os estudantes abordados para a entrevista foram aqueles que não se encontravam em nenhuma das atividades ou oficinas durante os dias de projeto.

A amostra é composta por 37% estudantes do sexo masculino e 63% estudantes do sexo feminino. A média de idade dos entrevistados é de 16 anos e a maior parte dos estudantes entrevistados é do primeiro ano do ensino médio (59%), seguido do segundo ano (24%) e finalmente pelo terceiro ano (17%).

Nesta etapa do SOMA os alunos do CEM 01 de São Sebastião estavam mais informados

a respeito do projeto do que nas outras escolas em fases anteriores. De maneira geral não foi demonstrado conhecimento pleno sobre o projeto, mas a maioria sabia que se tratava de incentivo da participação dos jovens e erradicação da violência. Há, portanto, um conhecimento parcial sobre os temas de bullying e respeito à diversidade tratados pelo SOMA e que as atividades seriam estruturadas em oficinas. O projeto foi muito bem recebido pelos alunos, que gostariam de mais atividades desse tipo na escola.

De maneira geral a escola é considerada segura pelos alunos, mas nos relatos percebe-se que é um assunto controverso. Grande parte dos entrevistados considera a escola segura, mas alguns alunos declararam nas entrevistas que não existe diferença entre a violência de fora e dentro dos muros da escola. Há relatos de brigas entre alunos do lado de fora da escola e de consumo de álcool e drogas nos arredores e dentro da escola, principal causa para a recente instalação de câmeras de segurança nos corredores – para flagrar o consumo entre os alunos.

Um aluno relatou que o problema de violência de gangues de São Sebastião se reflete dentro da escola, pois é um ponto de encontro para ajuste de contas por danos causados a amigos ou familiares integrantes de gangues rivais. Para além dos muros da escola há medo de assalto e estupro e, além da violência, de acordo com os alunos, a polícia é preconceituosa, aborda tipos específicos e trata os jovens da região como marginais.

A escola é o reflexo da comunidade, pois se trata de uma região em situação precária. Alguns bairros sequer possuem asfalto apesar do crescimento urbano. Quando perguntados sobre o que mudariam na comunidade, as respostas mais frequentes são em relação à segurança, saúde e projetos sociais de lazer e esporte para a juventude. O mesmo pode ser dito sobre a escola, pois quando perguntados sobre o que mudariam nela, os alunos se mostraram insatisfeitos com a estrutura física e os métodos da equipe de professores e coordenação. Pediram por melhorias no espaço físico das salas, banheiros, quadra e pátio, diversificação das aulas e mais atividades como excursões. Uma aluna disse que deveria haver um psicólogo para auxiliar e orientar os alunos.

Foi relatado bullying entre alunos e por parte dos professores também, algo que nas entrevistas foi comprovado como o maior problema enfrentado pela comunidade escolar. A relação entre a equipe de ensino e os alunos é de distância e há dificuldade em relatar as questões para a direção e coordenação, pois não há diálogo. Segundo os estudantes a coordenação é “arrogante” no tratamento com os estudantes e não os atende bem. São impacientes com os alunos.

Dos entrevistados nenhum apontou uma interferência para assuntos extraclasse, isto é, a escola não procura saber se o aluno está com algum tipo de problema. Apenas um estudante disse ter sido ajudado por um professor em um momento de necessidade. Neste caso o aluno procurou ajuda, mas nem todos se sentem à vontade para procurar a escola para resolver um problema pessoal. A escola procura se envolver em questões sobre ausência de estudantes ou oferecendo aulas de reforço para alunos com notas baixas, mas não procura se informar sobre outras questões.

Quanto aos professores, um estudante disse que existem alguns desentendimentos

devido à ignorância por parte dos professores e que já se sentiu “indignado” algumas vezes, mas que não considera possível tomar muitas providências pela falta de diálogo com a direção. Foi colocado em questão que os professores mais antigos são “rabugentos” e que os mais novos interagem mais com os estudantes. Os professores que estão na escola há mais tempo seriam o problema na relação ruim com os alunos. Segundo os estudantes há professores bons, competentes na transmissão do conteúdo, e outros que deixam a desejar, que não dão boas aulas e não são justos com a turma.

A Relação com professores é estritamente profissional, sem amizade na maioria dos casos encontrados durante as entrevistas. Em geral os professores não demonstram interesse pelos alunos e há casos de bullying promovido pelo educador, percebido pelos alunos entrevistados como “brincadeiras sem graça, de tirar sarro da nossa cara”. Um dos alunos comentou sobre uma situação em que foi alvo dessas brincadeiras por parte de professores e que ficou “constrangido, mas que passa, às vezes passa. Não fiz nada, meio que perdoei mesmo, para ficar de boa”.

Foi relatado que há uma professora que se posiciona como atea e não respeita as religiões dos alunos, qualquer que seja. Esta professora chega a xingar e os alunos se sentem ofendidos pelo desrespeito. Outro caso relatado por estudante foi de um professor que xingou a mãe de uma aluna, que havia gritado “P...” na sala de aula, ao que o professor respondeu “sua mãe não está presente”. Neste caso específico, quando a aluna levou o problema para a direção, os outros estudantes defenderam o professor, com medo de represálias por parte dele sobre a turma.

Segundo um dos entrevistados, um professor, já aposentado, disse aos alunos que não gostava deles e ainda que queria que eles “se danassem”. O mesmo entrevistado relatou que uma professora já mandou uma aluna “ir para o inferno”, ao que a direção e coordenação nada fizeram para reagir. Foi narrado ainda um caso em que os alunos constataram que uma professora estava alcoolizada em sala de aula.

Não existe nesta escola um grêmio estudantil para fazer ouvir a voz dos alunos sobre as decisões tomadas pela direção. Houve, no passado, uma tentativa de organização dos alunos, mas que não prosseguiu por “falta de vontade” e “desorganização” (estas são falas deles, certo?). Assim, se sentem desencorajados a mudar a situação na escola. Os alunos não procuram se informar para construir este espaço de diálogo, agravando os problemas de comunicação com professores e coordenação. O contato entre alunos e direção se dá pelos professores conselheiros de turma. Os alunos não se organizam, o que leva a um estado de apatia sobre a escola, como percebido nas entrevistas, uma relação quase exclusivamente “profissional” com os professores.

Considerações gerais sobre as pesquisas realizadas

A escuta dos alunos em Planaltina, Recanto das Emas e São Sebastião identifica perspectivas importantes para melhor compreendermos a dinâmica das relações cotidianas em ambas as escolas. Apesar da falta de tempo e de recursos humanos para realização de uma pesquisa, foi possível dar voz a diferentes atores que percebem, significam e sentem os problemas de formas por vezes diversas. Percebe-se aspectos da violência envolvendo atores diversos da comunidade escolar.

A relação entre os estudantes é por vezes atravessada pela intolerância e pelo preconceito assim como entre os professores e a direção, e entre os professores e os estudantes. As relações estabelecidas são percebidas pelos jovens como autoritárias em sua maioria, com pouco reconhecimento do seu direito de participar na deliberação e na construção de propostas, inclusive para resolver problemas identificados.

A forma de delimitar um mesmo problema é também variável entre os envolvidos. Por exemplo, no caso do preconceito e da homofobia para alguns alunos o tema “não interessa”, trata de uma questão a ser silenciada, pois a presença é incômoda e não se espera resolver a questão com o diálogo, mas com a afirmação “do que é certo”, sugerindo posições conservadoras que coexistem no espaço escolar. Por outro lado, estes mesmos alunos supostamente conservadores, fazem outras demandas com foco nos direitos para “fazer a coisa certa”. Eles valorizam a discussão sobre o preconceito religioso! (sofrido por eles?) abrindo margem para se discutir, por exemplo o direito à diversidade cultural, o respeito pelo Outro, incluindo tanto sua sexualidade como a religiosidade.

A natureza da relação estabelecida entre os jovens e os adultos é reiteradamente abordada, e parece ser um ponto importante para os alunos. O distanciamento, o sarcasmo, a falta de respeito e a não afetividade por parte dos educadores é uma queixa recorrente em pelo menos duas escolas. O Projeto SOMA, nesta perspectiva ao propor trabalhar com os temas da violência, do preconceito e do bullying precisa abordar e trabalhar as relações existentes dentro da escola, visando reatar vínculos de confiança e de investimento tanto por parte de alunos como de professores, criar espaços para exercitar a empatia e a autonomia.

Ao falarem sobre o projeto, os alunos costumam manifestar uma opinião positiva sobre a importância deste tipo de ação na escola, mas a maioria desconhecia o funcionamento e os temas que seriam abordados e se sentem como espectadores de uma proposta que vem de cima para baixo, mantendo-os à margem. Este distanciamento parece inibir uma participação mais intensa por parte de todos os envolvidos.

O conhecimento gerado a partir desta atividade foi importante para melhor compreender as situações e o cotidiano de cada escola, e dar voz aos alunos colaborando com a reflexão continuada para que o Projeto SOMA alcance seus objetivos.

Impressões dos Oficineiros e Professores

Como forma de receber um retorno do trabalho dosicineiros a FIOCRUZ desenvolveu, para as etapas do Recanto das Emas e de São Sebastião, um questionário sobre as impressões dos profissionais que contribuíram com o SOMA. Os questionários enviados aosicineiros e professores mostram os resultados positivos e o retorno destes atores sobre o projeto, tido unanimemente como um sucesso.



Sobre a etapa do Recanto das Emas, o ator Vinícius Santana, interprete da drag queen Mackaylla, em sua segunda participação como madrinha do projeto, destaca os pontos positivos desta etapa:

“Nesta etapa do SOMA me chamou muito a atenção o contato maior com os professores. É de suma importância a abordagem com os alunos, haja visto, ser o público alvo. Entretanto, a comunidade docente também tem grande relevância para o sucesso das proposições do projeto. As discussões entre a drag queen e os professores a cerca de diversidade se mostraram ricas e primordiais.”

Fica claro aqui o papel dos educadores no acompanhamento do projeto para orientar para a aceitação da diversidade e o respeito.

O psicólogo Alexandre Staerk, que participou das três últimas etapas do Projeto, acompanhou as ações e disse estar “encantado com a equipe, a sinergia e capacidade do grupo estar sincronizado com o ideal da redução ou eliminação da violência e do preconceito.”

O Projeto SOMA tem grande potencial transformador em cenários onde há conflito e as ações promovem o reconhecimento da diversidade para equilibrar a relação entre abusado e abusador, buscando alternativas além da punição para criar um ambiente de respeito entre os alunos.

Ainda segundo Alexandre, as madrinhas do Projeto em muito colaboram para isso. “A entrada de Mackaylla produz humor, diversão e abre espaço para o reconhecimento da diversidade. Muitos professores conhecem pouco sobre termos e experiências de gênero e se sentem incapacitados para lidar com eles.” Uma das sugestões dadas por ele é criar uma oficina voltada para capacitar os professores para lidar com a diversidade.



A oficina de teatro também é um dos destaques na promoção de mudanças na relação entre os estudantes por ser um espaço para expressarem-se livremente. Segundo o psicólogo, “eles acabam sendo inicialmente rasos em suas expressões verbais, embora, no que se refere a suas vivências e expressões vivenciais parecem bastante participativos. Senti pessoalmente, necessidade de produzir cenas educativas e ilustrativas para construir uma possibilidade de novos modelos de compreensão e de interação. É impressionante o quanto eles estão sedentos por experiências de afeto e mais pacíficas.”.

O grupo de dança DF Zulu Breakers reforça o sucesso de sua oficina: “As atividades foram muito bem aceitas pelos estudantes, que por sua vez mostraram interesse em ouvir, interagir e participar dos workshops ministrados. A dança tem esse poder perante os jovens de todas as classes sociais e étnicas.”

A impressão dos professores do CED 104 é positiva. Segundo eles, o projeto mostrou todo o poder que tem, mostrou o que queria realizar e mostrou a realização. Na resposta enviada pela equipe declaram o quanto estão satisfeitos por terem sido escolhidos para receber o projeto e que perceberam mudanças no comportamento dos alunos, que se respeitam mais e procuram atender as necessidades dos outros.

Sobre a etapa de São Sebastião, Gustavo Freitas e Vinicius Santana, respectivamente Larissa Hollywood e Mackaylla, as drag queens madrinhas do projeto, disseram que suas participações são por intervenções nas salas onde ocorrem as atividades, conversando com alunos, professores, funcionários sobre a importância do combate a rejeição da diversidade sexual, a relevância do combate ao machismo, à homofobia e os problemas sociais de onde essas intolerâncias vem e o que podem causar de consequências.

Os diálogos com os alunos tratam das situações de conflito, discutem as questões colocadas pelo projeto e as possíveis soluções para o bullying na escola e os problemas sociais na comunidade. Segundo Vinicius, “através do personagem drag queen Larissa Hollywood, foi feita uma intervenção artística para reflexões de gênero e sexualidade, através da performance e comicidade da drag queen durante as oficinas do Soma. Os alunos puderam, através da intervenção, dar seu posicionamento sobre temas como os espaços LGBT dentro e fora da escola, feminismo e autoestima. É uma forma de trabalhar um tema complexo e problemático de forma lúdica e através da arte e educação.”



Foi percebida uma vontade dos alunos em trazer para a escola práticas de arte e educação, atividades que extrapolem a sala de aula. Muito se falou também sobre a questão da violência e preconceito na escola, além da relação com os professores: “Muitos alunos percebiam uma dificuldade dos professores em saber lidar com a violência nas escolas, mas estes se permitiram participar de uma oficina diretamente para eles. Nas entrevistas e também nas interações com a Drag Queen Larissa Hollywood, contudo, houve um processo de reconhecimento muito rico para o projeto e para a escola, eles puderam falar seu posicionamento, discutir as problemáticas de preconceitos enraizados e reconhecer formas de trabalhar os preconceitos, e perceber que não só os alunos tem conflitos, mas eles como educadores deveriam constantemente estar trabalhando seu posicionamento político e social entre eles e com os alunos.”

Vinicius, interprete de Mackaylla, relatou que nessa etapa do SOMA foi interessante perceber o quão importante é esclarecer aos alunos sobre diversidade de gênero e de sexualidade. “Assinalar de forma clara o que é diversidade sexual, como ela é encarada na nossa sociedade atual, porque ela é encarada de tal ou tal forma, de onde vem a discriminação acerca de tal diversidade e trazer dados sobre violência causada por homofobia, machismo, lesbofobia.”, afirmou.

William Freitas, da Secretaria de Educação, colaborou com a oficina de exibição e debate do documentário “Afro Brasileiros”, focado em questões étnicas e raciais. Oicineiro teve boas impressões sobre a realização da atividade: “Acredito que a resposta dado pelos estudantes foi bastante positiva. Avalio que quando promovemos um debate e que durante a mediação podemos mais ouvir do que falar, e a resposta é positiva na medida em que o próprio tema é instigante e as pessoas sentem necessidade de expor suas opiniões e em alguns casos, relatar suas experiências”.

Em relato sobre a oficina “Jogo da Mulher”, Juliana Estrela da Secretaria da Mulher também trouxe impressões positivas. “A participação no projeto foi maravilhosa, fui muito bem recebida pela equipe do projeto e pela equipe escolar. A interação e participação dos alunos foi um tanto quanto esvaziada, chegando a um público total de 25 pessoas, contudo, cada aluno que ali esteve, saiu da atividade com um novo olhar em relação à temática. É sempre um prazer para a SEM-DF participar de ações que valorizam a emancipação das mulheres e que ajudam a fortalecer a equidade de gênero”.

A oficina de teatro, coordenada por Tuka Villa-Lobos, teve a maioria das classes cheias, por vezes até alunos a mais, por voltarem para fazer a oficina e criar mais oportunidades de falar. Segundo Tuka, “a oficina no CEM 01 ocorreu em maior número e com maior intensidade do que em outras escolas. Em Planaltina tínhamos adolescentes mais ligados à cultura, no Recanto das Emas nem tanto, tivemos alguma relutância, porém no Centrão em São Sebastião sentimos que os alunos se entregaram de coração aberto, querendo mesmo a mudança. A partir do momento que se mostrou que a mudança poderia acontecer através do querer dos alunos, que suas ações poderiam transformar a escola, sentimos que esta mensagem surtiu efeito e tivemos movimentos para criar um grupo de apoio, com assistência de alguns professores, entre os próprios alunos para troca de ideias sobre suas necessidades”.

A oficina Ana Júlia da equipe da FIOCRUZ destacou suas impressões gerais sobre o projeto: “é maravilhoso entender o potencial transformador que o projeto SOMA carrega consigo, pois permite ouvir/ falar para os alunos e também para comunidade escolar como um todo, para que situações que representam situações de opressão, preconceito, desrespeito, possam ser debatidas e amadurecidas por todos a fim de melhorar o convívio entre todos no ambiente escolar e também para fora dele.” Ana Schramm. Da Equipe da FIOCRUZ, destacou sua participação como oficina e na realização de entrevistas com os alunos:

“A oficina ‘a escola que temos, e a escola que queremos’, a princípio teve uma baixa adesão dos alunos, que foram por não ter opção de outras oficinas. No entanto, no segundo dia muitos vieram por que colegas comentaram como sendo uma atividade legal. De certa forma, percebemos que a desmotivação dos alunos se dá na medida em que eles, não se sentem empoderados para criticarem a escola, os professores e a si próprios. Como aparentemente não existe o costume de serem ouvidos, os alunos não se crêem capazes e responsáveis pela transformação e construção de sua escola. Foi muito gratificante contribuir para que o aluno reconheça em si a capacidade que tem em articular seus problemas e anseios, despertando assim o interesse em lutar por uma educação melhor. Resultou em um importante exercício de cidadania e empoderamento para os alunos, levando a uma maior compreensão da realidade escolar e de como é possível transformá-la.”

Sobre as entrevistas realizadas com os alunos, Ana percebe que além de resultarem em uma análise mais detalhada de como eles percebem e se relacionam com a escola e com a violência, permitiram através do contato corpo a corpo, uma sensibilização para a autorreflexão sobre os temas abordados e uma mobilização para a participação mais incisiva no Projeto SOMA e em futuros outros projetos como este. Segundo ela:

“O fato de serem jovens entrevistando jovens, de certa forma facilitou o diálogo. Os alunos estavam bem abertos e a vontade para participarem das entrevistas. Muitos até relataram que estavam gostando muito de serem ouvidos e poderem compartilhar suas questões. Porém, a maioria, quando questionados sobre se sofriam ou praticavam violência sentiram certo desconforto. Assim como quando eram questionados sobre a relação com sua família, para aqueles que tinham uma família problemática. No decorrer das entrevistas, muitas vezes tivemos que fugir do roteiro, pois o papo estava tão interessante que os alunos traziam outras questões que não apareciam no roteiro pré-estabelecido.”

Já Felipe Medeiros, também da FIOCRUZ, destaca um dos pontos positivos do projeto, dizendo que “os alunos se expressam e com isso permite a escola a ter relações menos impostas e mais dialógicas, podendo mudar e/ou ampliar seus conteúdos dentro das disciplinas, para que a relação educador – educando possa ser mais próxima e mais efetiva no ensino-aprendizagem.”

Outros resultados do projeto na escola foram a criação de um grupo de coral, que todos os sábados ensaia para se apresentar e fazer a diferença através da música. Desta ação resultou o primeiro Festival de música do Centrão de São Sebastião, que ocorreu no dia 17 de outubro. Nesta ocasião Tuka Villa-Lobos e Felipe Barão foram na escola representando o projeto SOMA-DF.

O Festival foi considerado um sucesso. Toda a estrutura, apesar de pouca, foi conseguida pelos próprios alunos com apoio da comunidade. Todos os alunos estavam presentes no festival, que

foi realizado na hora do intervalo, com o consentimento da direção e professores de se prolongar um pouco mais. Apresentaram-se alunos com vários gêneros musicais, coral e bandas com músicas autorais. Houve também a presença de professores cantando e dançando junto com os alunos.

Foi registrada nas escolas participantes uma diminuição expressiva do bullying e do preconceito de gênero e sexualidade, bem como das brigas dentro da escola, segundo informações enviadas pelas próprias escolas em retorno. Segundo as coordenações e diretorias das escolas participantes, há maior entendimento entre jovens e interação com diferentes grupos. As oficinas de Social Dance e de Canto Coral foram efetivadas e tornaram-se parte das atividades da escola em Planaltina e São Sebastião. A oficina de Teatro será reestruturada para incluir professores, pais e funcionários, o mesmo acontecerá com as palestras de gênero e sexualidade e de mediação social.

Também haverá a volta do Projeto SOMA em 2015 para o atendimento no Centrão do turno noturno (EJA) e também dos alunos que cumprem medidas sócio educativas e também de educação integral.

Mais de duas mil crianças e jovens atendidos nesta primeira fase desta primeira etapa. O Soma está sendo considerado um Case na área de projetos sócio culturais.

Desdobramentos como este indicam o sucesso do Projeto SOMA.

Considerações Finais

As oficinas realizadas pela equipe PECS abordaram temas como política, ciência e tecnologia, reforma agrária, educação, gênero e sexualidade. As oficinas realizadas (apresentaram um impacto muito positivo, trouxeram temas que não costumam fazer parte do conteúdo curricular e receberam um retorno positivo dos participantes quanto à sua capacidade transformadora a partir da reflexão promovida pelo debate.

As atividades acompanhadas pela equipe da Fiocruz refletiram o potencial de desenvolvimento do projeto, que em 2014 se tornou case nacional em educação, pela Revista Gestão Educacional. Ao levar propostas como esta para as escolas do DF, tendo em mente as questões locais, na promoção de uma cultura de paz na comunidade para além do combate ao bullying, colaboramos para transformar a realidade dos jovens e mostrar que uma sociedade que respeite as diferenças é possível.

Participar das três etapas do projeto SOMA trouxe a possibilidade de compartilhar o ambiente escolar junto aos jovens, no calor das situações de conflito a que estão sujeitos diariamente na escola. Foi possível se aproximar de temáticas como bullying, gênero, raça, política e outras questões que fazem parte da vida dos jovens, trazendo a roldão a discussão sobre as relações interpessoais dentro da escola e a importância da criação de espaços partilhados de governança onde os jovens e os professores tenham maior oportunidade de exercer seu poder de escolha e de criar propostas para enfrentar problemas, acordar prioridades e alcançar objetivos pactuado. Desta forma, através de oficinas, aulas, workshops, o projeto SOMA resgata várias questões que geralmente passam sem serem problematizadas e destaca a importância do protagonismo juvenil no ambiente escolar.

Como sugestões para as etapas futuras do Projeto, em Planaltina os alunos propuseram demandas que a escola não supre, como atividades de orientação vocacional e que estimulem ações extracurriculares. A educação entre pares, uma forma de envolver os alunos no planejamento

e na realização das oficinas, produção e programação das atividades do Projeto SOMA também pode ser aplicada como forma de fazer com que os alunos tragam as suas verdadeiras demandas e potenciais para assim se apropriem dos temas abordados, intensifiquem sua participação e aumentem a participação de seus colegas e até de seus familiares.

Percebemos que é preciso maior integração e troca de experiências entre osicineiros em todas as fases do projeto. Sugerimos também envolver a comunidade escolar como um todo e aproveitar os parceiros e potenciais que a escola já possui.

Outro ponto a ser ressaltado junto às escolas se refere à importância da divulgação que fazem do projeto. O funcionamento do SOMA depende, também, da participação da coordenação e dos professores para divulgação das atividades e do objetivo do projeto. Em muitos casos, ao levar o projeto para a escola, os professores não demonstravam interesse sobre o tema e as oficinas. É preciso que os alunos sejam previamente informados sobre o projeto, para que entendam como a proposta chega na escola e, mais do que isso, para que possam ser atuantes na construção e na mobilização para as atividades. Cabe ainda salientar, que as relações políticas entre a gestão local das escolas e as regionais de ensino determina o modo como projetos externos são recebidos: uma escola que não se dá bem com a regional de ensino, vê os projetos indicados pela Secretaria de Educação como imposições e tende a rejeitá-los.

O projeto Soma aponta grande potencial e a relevância de seus resultados depende de uma perspectiva de continuidade, colaborando com a reatuação de uma cultura escolar onde se respeite a diversidade cultural e social de toda a comunidade envolvida.

Anexos

Anexo I Roteiro para atividade de pesquisa Investigação Participativa

BLOCO I – Percepção das Ações na Escola

Reflexão sobre as ações que estão acontecendo/já aconteceram na escola e também sobre suas próprias ações na escola.

- Vocês sabem o que está acontecendo hoje aqui na escola? Porque isso está acontecendo? Já fez? Conhece? Aconteceu antes? Sua escola tem atividades diferentes? Você já participou ou participa de atividade extra classe?
- O que achou? Você se identifica com alguma das atividades do evento? Por quê? Qual a importância para escola? Por quê?

BLOCO II – Temáticas abordadas/contexto escolar Sugestões/Proposições de ações

Reflexão sobre o conteúdo do evento, cujo tema central é o bullying, a violência dentro da escola e a favor da diversidade, e sobre as diferentes ações culturais e educativas (oficinas de dança, música, artes plásticas, teatro, jogos esportivos, palestras e debates).

- Vocês sabem que temas estão sendo trabalhados? O que vocês pensam sobre estes temas dentro da escola? Que atividades tem haver com o tema? Quais atividades não tem nada haver?
- Quais temas vocês acham que deveriam ser discutidos na escola?

BLOCO III – Preparação de perguntas

Construir junto com os alunos um roteiro básico de entrevista com até cinco perguntas.

- Se você fosse um pesquisador (cientista social) ou um jornalista o que vocês gostariam de saber sobre o evento (seus temas, suas atividades, etc.). Com qual objetivo? O que você espera ao fazer uma pesquisa coletiva? Quais são as possíveis respostas para as perguntas que vocês querem fazer? Será que não tem uma maneira mais direta de você fazer esta pergunta, sem induzir a resposta?

Anexo II: Roteiro da Oficina: Uso responsável das mídias sociais

Apresentação

- Alunos se apresentam falando nome, idade, rede social que mais utiliza
- Falar o que são mídias sociais – aplicativos, sites e meios que permitem interação entre as pessoas pela internet
- Exemplos de mídias sociais
- Evolução das mídias sociais

Perguntas direcionadoras

- Quantas vezes por dia vocês acessam as redes sociais?
- Como usam as redes sociais? Usam para falar do cotidiano?
- Falar sobre mídias sociais em três partes. A primeira sobre a informação postada, e a segunda sobre privacidade e a última sobre socialização. Pra cada uma vai ter uma dinâmica pra exemplificar ou exercitar o que é discutido

Informação postada

Perguntas direcionadoras

- Que redes sociais usam?
- O que compartilham pelas redes sociais?
- Quais os riscos do que é compartilhado? São coisas que você não deve postar ou compartilhar?

Dinâmica: Transmissão de informação (Alunos passam um barbante simbolizando como a informação chega a todos os pontos de uma rede)

Privacidade

Perguntas direcionadoras

- O quanto você se expõe na rede? Resposta: mais do que você pensa
- Quem tem acesso ao que você publica?
- Você controla quem vê o que você posta?

Dinâmica: telefone sem fio (Para mostrar como a informação pode ser modificada no caminho)

Socialização pelas mídias sociais

Pergunta: As redes sociais afastam ou aproximam as pessoas? Como e por que?

Conclusões:

- É preciso impor limites no uso de redes sociais. Como fazer isso? Limitar não apenas o que é postado, mas também o tempo gasto
- É preciso usar melhor as redes sociais. Como fazer isso? Usar para aproximar e comunicar
- Como se pode usar melhor as mídias sociais?
- Pode ser usado pra melhorar na escola?

Dinâmica: Selfie (Foto com todo o grupo da oficina de mídias sociais)

Anexo III: Questionário enviado aos Oficineiros e Facilitadores

- Descreva a atividade que você realizou ou observou
- Quais foram suas impressões sobre a atividade? (adesão e participação dos estudantes, andamento da atividade, etc.)
- Descreva os resultados alcançados com a atividade
- Tem alguma sugestão para o Projeto SOMA?

Anexo IV: Roteiro de entrevista com os estudantes na etapa do Recanto das Emas

Idade

Série

Sexo

Bairro

Bloco I – Autopercepção, Lazer e Espaços de Participação.

- O que você mais gosta de fazer no tempo livre?
- Você tem muitos amig@s?
- Você passa mais tempo fora ou dentro de casa?
- Você participa de algum grupo ou movimento estudantil?

Bloco II- Percepções sobre relações familiares.

- Com quem você mora?
- Como é a sua relação com seus pais ou responsáveis
- Os seus pais ou responsáveis participam das atividades escolares?

- Em caso positivo, você gosta disso?
- Após essa participação, seus pais ou responsáveis conversam com você?
- Em caso negativo, você gostaria que ocorresse essa participação? Por que?
- Os seus pais ou responsáveis costumam conversar com você sobre as questões que te incomodam ou que incomodam eles?

Bloco III- Escola e Território

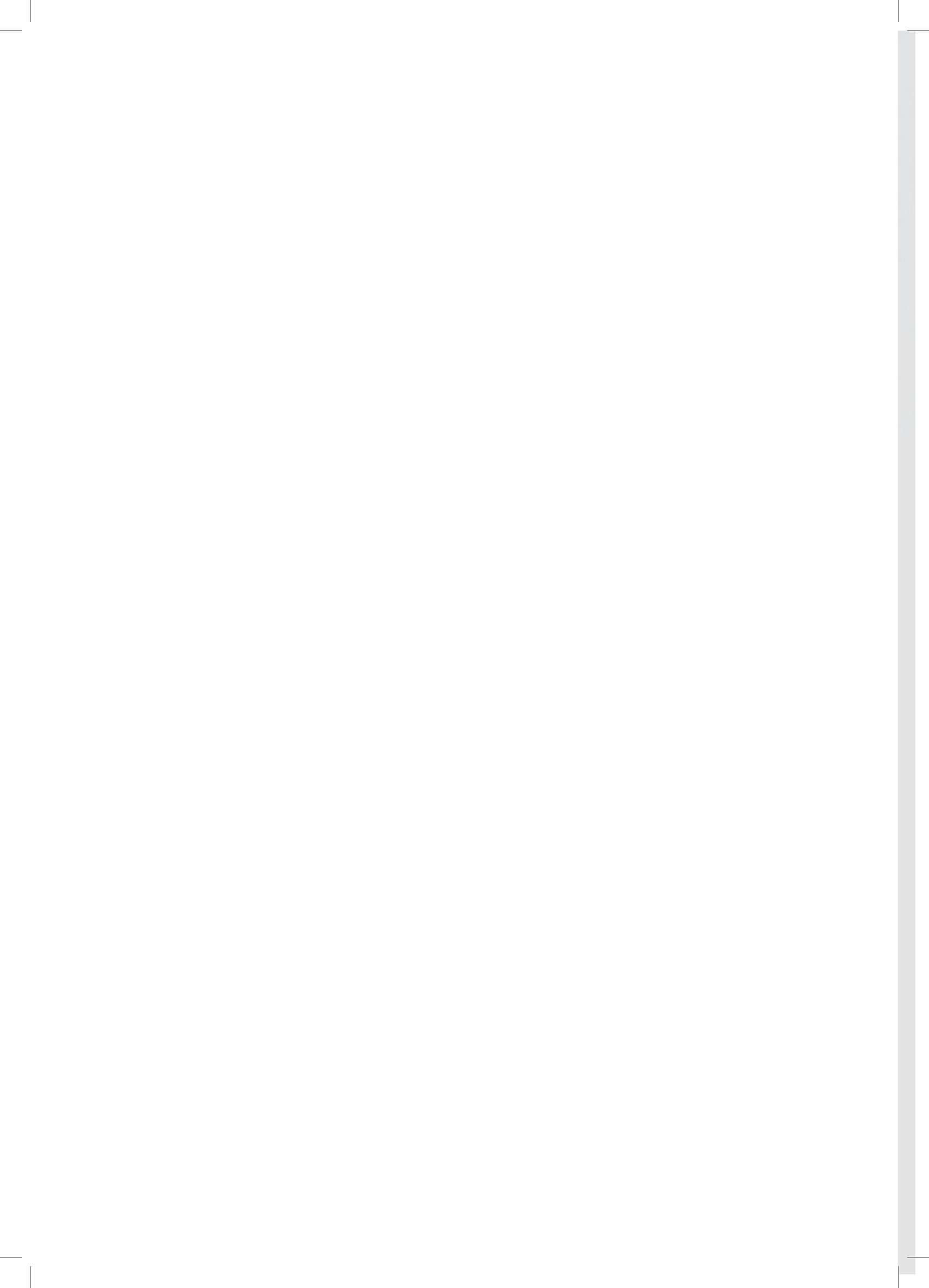
- Quando você está com problema, a escola te ajuda?
- A escola busca saber o que acontece na sua casa e na sua vida pessoal?
- Você sente que a escol@ é um local seguro?
- O que você mais gosta na escola?
- O que você menos gosta na escola?
- Se você pudesse alterar alguma coisa na sua escola, o que seria?
- Você mudaria algo em sua comunidade? O que?

Bloco IV – Violência

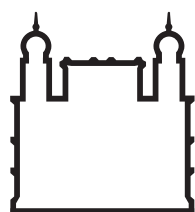
- O que você considera como violência?
- Você já foi vítima de alguma violência?
- Como você se sentiu/sente diante dessa violência?
- Como você reagiu/reage?
- Consegue se ver como praticante de alguma violência?

Anexo V: Roteiro de Entrevista com estudantes da da etapa de São Sebastião:

- Idade
- Série
- Sexo
- Bairro
- Sabe sobre o projeto, sobre as ações que estão acontecendo hoje?
- O que você mais gosta na escola?
- O que você menos gosta na escola?
- Se você pudesse alterar alguma coisa na sua escola, o que seria?
- Você participa de algum grupo ou movimento estudantil?
- Quando você está com problema, a escola te ajuda?
- A escola busca saber o que acontece na sua casa e na sua vida pessoal?
- Você sente que a escola é um local seguro?
- Você mudaria algo em sua comunidade? O que?
- Como você classifica sua relação com outrxs alunxs?
- Você já se sentiu ofendido por outro alunx?
- Como você classifica sua relação com os professores?
- Você já se sentiu ofendido por algum professor?
- Como você se sentiu? O que fez a respeito?







Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Brasília